NUMERO 44 Semans de 7 a 13 de Janeiro de 1976

CGTP - IN
CENTRO DE
DOCEMENTAÇÃO
S 7 76

UNIDADE NA ACCÃO - A FORCA DOS TRABALHADORE

Preço 5\$00



QUE ALIMENTOS
PODEREMOS
COMPRAR
AOS NOSSOS FILHOS?

NESTE WÜMERO:
AWÂLISE DA
AWÎTI-POPULAR
POLÍTICA ANTI-POPULAR
DOS ÓRGÃOS DO PODER
DOS ÓRGÃOS DO PODER

REPRESSÃO

sindical Nacional, face aos acontecimentos ocorridos no passado dia um, junto ás cadeias de Custóias e Caxias, em que, além de dezenas de feridos, entre os quais uma criança, foram assassinados trabalhado-res, manifesta a sua mais viva repulsa por tais actos que considera fazerem parte duma escalada repressiva em curso, que visa silenciar o iusto descontentamento das massas trabalhadoras.

Não é assassinando trabalhadores, não é ferindo gravemente crianças, que

se constrói a democracia. Esta repugnante forma de actuação, põe a descoberto que se intenta liquidar as liberdades fundamentais no nosso país.

Ao mesmo tempo que se reprimem, selvaticamente, as massas trabalhadoras, torna-se-lhes insuportável a sobrevivência, ao aumentar os preços dos géneros de maior consumo e impedindo o aumento de salários.

Estas são as medidas to-

der que, para as concretizar, a contento do bem-estar dos exploradores, têm de acompanhar com uma violenta onda de repressão.

Os trabalhadores lutaram pelo 25 de Abril para se libertarem do terror e da opressão.

Não aceitarão que, pela força das balas, se tente calar a razão do seu descontentamento.

Hoje, os trabalhadores vêm com mais nitidez quem são os que, dizendo-se intérpretes da liberdade e do socialismo, actual, na realidade, como seus coveiros.

Considera, o Secretariado da Intersindical Nacional que tais acontecimentos não podem cair no esquecimento e está confiante que as massas trabalhadoras e todo o povo português, saberão encontrar, em cada momento, as formas justas e adequadas de dar resposta a todas as forças que tentem aniquilar a construção de um Portugal Democrático e Socialista

> 2 - Mais do que nunca a unidade dos trabalhadores é factor essencial para levarmos por adiante as tarefas que en-

A FORÇA DOS TRABALHADORES

nário português atravessa um período difícil para a classe operária e para todos os traba-Ihadores. Dia a dia verifica-se estarem os órgãos do poder, civil e militar, a pôr em prática uma política contra os seus anseios e atentatória dos seus direitos fundamentais.

Os acontecimentos verificados em Custóias e em Caxias no primeiro dia do ano, são bem um indício da escalada da repressão a que as massas trabalhadoras, todos os autênticos revolucionários e o Povo em geral não são indiferentes.

Constituem uma demonstração do que repetidamente temos afirmado: as forças do capital necessitam de um forte aparelho repressivo para es-magar as lutas das massas trabalhadoras, e tentarem impôr a sua política anti-opetentarem rária e antipopular. Perante tais actos e os atentados contra o nível de vida das classes mais desfavorecidas que o Governo vem pondo em prática, através da subida de preços de bens essenciais e do aumento de impostos indirectos, impõe-se que os trabalhadores respondam corajosamente com a sua unidade é organização, defendendo as conquistas alcançadas e criando as condições do prosseguimento da volução

frentamos. Que a ninguém restem dú-

vidas sobre a necessidade his-tórica da unidade do movimento sindical. Que a ninguém re-

stem dúvidas que o Movimento Sindical Unitário dos Trabalhadores Portugueses - a Intersindical Nacional - é uma poderosa fortaleza contra o capital, que as forças reaccionárias procurarão assaltar com todas as armas que possuem e que a actual situação político-militar



A defesa da unidade do Movimento Sindical, a defesa das estruturas da Intersindical Nacional é tarefa a que todos teremos de deitar mãos, com redobrado ânimo, conscientes de que só na unidade os traba-lhadores avançam.

A cegueira de uns, o sectarismo de outros e a inexperi-ência de uns poucos, constituem aspectos negativos que teremos de superar, reforçando o espiríto unitário e praticando, sem cessar, uma sequente e alargada acção de

As forças do capital possuem enormes meios, entre os quais o seu dinheiro representa a razão da sua força, vêm denunciando as suas intenções de dividir o Movimento Sindical Português, implantando o tão famigerado pluralismo sindical.

Que trabalhadores estejam vigilantes, denuncian-do e combatendo essas ma-nobras patronais e cerrando fileiras numa muralha, que não deixe de fora um único traba-Ihador, independentemente do seu credo religioso ou opção política.

A tradição do Movimento Sindical Português não com-porta a divisão dos trabalhadores e as diferenças porventura ainda existentes, são muito mais um produto das ideologias burguesas que ainda tra-zemos do que diferenças existentes dos interesses de todos os trabalhadores. UNIDADE NA ACÇÃO

FORCA DOS TRABALHADO-RES, eis o lema da nossa luta, eis a arma fundamental do nosso combate.

SAUDACA

O Secretariado da Intersindical Nacional dirigiu à classe operária e a todos os trabalha-dores uma importante «SAU-DAÇÃO» por motivo da passagem da quadra festiva do Natal e Passagem de Ano.

Durante todo este ano de 1975, a classe operária, todos os trabalhadores, em aliança com as forças verdadeiramente progressistas, civis e militares, travaram duras batalhas pela defesa das conquistas alcançadas e no sen-tido do seu aprofundamento em favor dos explorados do nosso país

realizações da reforma agrária, as nacionalizações, o controlo operário da produção, as organizações populares unitárias de base, a consagração na lei do princípio da unicidade sindical, a institucionalização da Intersindical Nacional, a independência das ex-colónias portuguesas, são marcos importantíssimos da nossa revolução, só possíveis

pela alianca profunda entre o Movimento Popular de Massas e Movimento das Forças Armadas

Contudo, estas conquistas correm sérios riscos de serem destruídas pelas forças de direita e reaccionárias na sua escalada pela tomada dos postos chave do poder civil e militar. Os aumentos de precos, o con-

gelamento da contratação colectiva, a repressão sobre os trabalhadores e os ataques às suas organizações sindicais,a prisão de revolucionários que liberta-ram o povo português do fascismo ,os graves atentados às liber dades democráticas e sindicais, o recrudescimento dos despedimemtos, particularmente de dirigentes e militantes sindicais, os ataques à reforma agrària, às nacionalizações, ao controlo operário e às organizações populares de base, que se têm verificado a ritmo crescente, representam ameaças reais para a consolidação do processo revolucio-

Estes factores.são um indício de que as forças direitistas não hesitam em utilizar todo o seu arsenal demagógico e repressivo contra as massas populares,as suas organizações de classe e contra o processo revolucionário

Coincidido com a celebração desta quadra festiva que atravessamos, com profundas tradições do nosso povo, o Secretariado da Intersindical, saúda a classe operaria todos os trabalhadores e as forças revoluçionárias pelas duras lutas que vêm travando em defesa da revolução e das suas conquistas.

O Secretariado da Intersindical Nacional consciente dos dias dificeis que se aproximam para todos os explorados exorta-os a decididamente, combaterem como sempre o têm feito,a escalada das forças reaccionárias empenhadas em fazer retroceder a nossa revolução,

Finalmente, o Secretariado da Intersindincal Nacional expressa a sua solidariedade combatente para com os povos das ex-colónias portuguesas, particularmen-te para os povos de Angola e Timor, vítimas da agressão impeSEMANÁRIO DA INTERSINDICAL

NÚMERO 44 13 de Janeiro de 1976

DIRECTOR INTERINO: Jaime Marques Machad

16 páginas - Preco 5\$00 REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO ua Vitor Cordon - 1 - 2.º — LISB

DELEGAÇÃO NO NORTE:
UNIÃO DOS SINDICATOS DO PORTO — Rua de Santa Catarina, 922-1.
Telefs, 380752/59 — PORTO

DISTRIBUIDORA: REGIMPRENSA COMPOSIÇÃO IMPRESSÃO

HESKA PORTUGUESA Rua Elias Garcia, 25, 27 — Venda Nova — Amad



O ALAVANCA NA TUA MÃO DÁ MAIS FORCA À REVOLUÇÃO

P ano con cad zad tra sin dos ano

> tos. Ihag nos aos qu col

> > mer

cas

dos

nari

dec

odi pun ca. eno ram

tant pris Joã Her «ca cide

cen

que ram as alto que loc

des

EM DEFESA DAS LIBERDADES SINDICAIS 18 JANEIRO DE 1934

Para os de mais de sessenta anos, o 18 de Janeiro de 1934 continua a ser uma grande jornada operária de alto significado. Foi um ousado e organizado protesto da mais elevada importância e significado contra a violência salazarista-fascista de acabar com a vida sindical livre e democrática dos trabalhadores deste País, que sofria, então, os primeiros anos do terrorismo ditatorial de Salazar.

Havia meses que o ex-seminarista de Santa Comba Dão decretara a extinção pura e simples de todos os sindicatos. Os trabalhadores portugueses não quiseram aceltartao grande violência e humilhação. Não podiam aceltá-las, sem um protesto, uma resposta violenta, uma acção de massas. E isso deu-se.

Assim, não surpreende hoje, aos que se debruçarem sobre o que foi o 18 de Janeiro de 1934, que dirigentes anarco-sindicalistas tivessem tido a colaboração activa de elementos de outras forças políticas, desejosos, como todos os outros ambracistas, como todos os outros antifascistas, de combater até à morte o coliado monstro do Estado fascista-salazarista, que se impunha pela força das armas e da sua criminosa política política, a P.V.D.E., a todo o povo português, num crescente cortejo de violência, de terror e de crime.

Nessa corajosa e histórica jornada, houve deficiências enormes, erros graves, que foram terrivelmente pagos por centenas e centenas de militantes comunistas e sindicalistas, torturados, deportados, mutilados e assassinados nas prisões do continente, mas também na Fortaleza de S. João Baptista, em Angra do Heroismo, e no campo de concentração do Tarrafal, o «campo da morte lenta», como tão tragicamente fícou conhe-

É certo que Lisboa foi o fulcro da acesa luta desse dia de revolução proletária. É certo que em Lisboa, onde a resistência foi grande, se centraram todas as atenções e todas as esperanças dos revolucionários. E que esse movimento ficou na história das lutas de libertação contra o regime salazarista como um ponto alto da coragem de um Povo que não quer ser oprimido nem escravo. Mas, também noutras localidades, ao norte e ao su do Tejo, houve ramificações dessa gigantesca movimentação de protesto e de revolta, dessa organizada acção gre-vista e revolucionária. Foi na Marinha Grande que a batalha viu, parcialmente, ganha.

Marinha Grande ganhou-a e manteve esse ganho durante um dia. Bandeiras rubras foram içadas nos edificios públicos. Bandeiras rubras substituiram a verde-vermelha, que Salazar utilizava mistificadoramente, como ofensa e desafio ao espírito republicano dos honestos democratas que tinham destroçado a monarquia e implantado a República em 5 de Outubro de 1910, nos topos dos mastros da Câmara Municipal. Era a vila operária vidreira a primeira, no País, a hastea abertamente a bandeira dos trabalhadores, saída desse grande movimento de luta sindicalista e revolucionária, que foi o 18 de Janeiro de 1934.

Também no Algarve, em várias localidades desas sullista provincia, centenas e centenas de operários e de pescadores deram a sua adesão a esse novimento revolucionários. Houve concentrações de muitas centenas de trabalhadores, os quais só não entraram em acção por aguardarem a vodem que se esperava receber, a todo o momento, de Lisboa. Mas a noite de 17 de Janeiro passou, com a crescente angústia e sobressalto a instalarse no peito dessas centenas de lutadores antifascistas, pela longa espera de expectativa. Até que a manha velo, sem que

a «ordem» chegasse...
Depois, durante o dia que se
lhe seguiu, só algumas cidades e vilas viram o desencadear e o desenrolar da greve
revolucionária, com todo o seu
cortejo de lutas e de repressiva
vingança da parte dos que tinham os olhos cegos pelo
mando e obediência fascistas
e pelo poder das repressivas
armas.

Hoje, podemos lembrar, em liberdade, o 18 de Janeiro de 1934, como uma grande jornada de luta sindical e revolucionária contra a prepotência fascista da época. Podemos e devemos prestar a nossa homenagem à coragem e à decisão de homens de forte têmpera antifascista, que não hoesitaram em se lançar numa duríssima e incerta batalha pela defesa dos seus ideais sindicalistas e revolucioná-

Aos que pagaram com a vida a sua coragem, a sua consclência e a sua decisão de
lutadores antifascistas, saudamos a sua memória, como a de
Homens conscientes do seu
dever na luta pela liberdade e
por um Mundo mais justo e
humano.

Aos que sobreviveram a essa terrivel provação e aos anos de sofrimento, na prisão e no desterro, vão as nossas mais fraternas saudações, de velhos camaradas da mesma memorável jornada revolucionária. E lembramos-lhes que, ambora os tempos sejam outros e estejamos a viver num período de conquistada liberdade, devem estar sempre vigilantes, sempre alerta contra o inímigo reaccionário e opressor fascista, que espreita um momento propício para o grande salto e nossa consequente destruição. Não devem, não devemos, desarmar a nossa vigilância e actividade revolucionárias, porque os ini-



migos da Revolução democrática que estamos a viver, com promessas de Socialismo, não perdoam ter perdido a batalha de 25 de Abril, e, com ela, os seus privilégios de poderio indiscriminado e brutal sobre todos os trabalhadores e antifas-

Devemos estar sempre prontos, camaradas do 18 de Janeiro e todos os outros que hoje conhecem essa odisseia e tanto reforçaram as hostes antifascistas, para podermos e sabermos responder ao chamado da luta pela defesa das conquistas democráticas verificadas na Revolução para ajudar o nosso Povo a alcançar, num Portugal livre, o regime socialista que ambicionamos, agora com mais justificada razão que nunca.

—18 JANEIRO DE 1976

Como é natural, também este ano a vila da Marinha Grande vai comemorar a sua histórica data do 18 de Janeiro de 1934. Por esse facto, ALAVANCA deslocou aquela vila vidreira um enviado especial, com o fim de colher, directamente dos organizadores destas comemorações, informações precisas sobre este acontecimento operário e sindical.

Falámos com os camaradas dirigentes sindicais. Sebastica Mota e Raul Ferreira, respectivamente tesoureiro e vogal da direcção do Sindicato dos Trabalhadores da Indusstria Vidreira, que não puderam dispensar-nos muito tempo devido à azáfama provocada na classe operária vidreira com o decreto acabado de sair no qual se pretende -roubar-lhes-s três dos dias feriados que tanto respeitam por tradição: O 31 de Dezembro, o 18 de Janeiro e a 3.º-feira de Camaval.

Esse dirigentes sindicais, entre os raros e curtos intervalos que deixavam as obrigações mais urgentes de atenderem de legados sindicais, pessoalmente e pelo telefone, foram-nos informando que já no ano passado o Sindicato dos Trabalhadores da Indústria Vidreira tinha comemorado o 18 de Janeiro, com bastante êxito. E que este ano, seguindo a linha das comemorações desta data histórica na luta dos operários da região, pensa-se fazer deste 18 de Janeiro uma grandiosa Jornada Nacional de luta pelas liberdades sindicais, agora novamente ameaçadas.

— Desejamos que venham à Marinha Grande, nessa altura, todos os Sindicatos do País, visto ser uma jornada sindical à base nacional e, ao mesmo tempo, transformar esta grande festa numa jornada de luta pelas pelas liberaddes sindicais — disse-nos liberaddes sindicais — disse-nos

Sebastião Mota, entre dois telefonemas de delegados sindicais vidreiros que, nos seus locais de trabalho, decidiam não trabalhar no último dia do ano.

— Ao mesmo tempo, transformaremos esta festa operária numa grande e necessária jornada de luta pela defesa das liberdades sindicais. E este um dos principais objectivos: aproveitar os festejos dum importantissimo acontecimento histórico e revolucionário para, numa ampla manifestação de massas, podermos explicar aos jovens e menos jovens trabalhadores e sindicalistas, o que foi essa dramática batalha dos que nos antecederam há muitos anos, durante a negra noite do fascismo, e retirar desses acontecimentos as lições que se impõem.

A organização destas comemorações é do Sindicato dos Trabalhadores da Indústria Vidreira da Marinha Grande, mas já se pediu a ajuda aos outros Sindicatos do Distrito, entre os quais os da Ourimica e os da Metalurgia, para nos darem a sua preciosa e activa colaboração na elaboração e na execução do vasto programa em preparação. Assim, e em princípio, temos marcadas várias reuniões com delegados sindicais vidreiros, químicos e metalúrgicos, no sentido de contacidarem com o secretariado, para a orientação destas comemorações operárias.

O programa está apenas esboçado e sem carácter definitivo em certos pormenores. Porque, se fizer bom tempo, será coisa muita ampla e ao ar livre. Se o tempo for de chuva, então teremos de dar um outro aspecto ao programa. Em princípio, deverá

- às 9 horas, uma banda de

música percorrerá as ruas da vila, lembrando à população a data festiva e histórica;

— às 10 horas, concentração dos trabalhadores vindos de todos os pontos do País, junto à estação de serviço da Mobil, de onde partirá o desflie até à Praça Stephens. Uma vez lá, será dadas as boas-vindas da varanda da Câmara Municipal a todos os trabalhadores presentes integrados nesta histórica comemoração:

— às 13 horas, um grande almoço-convivio dos camaradas trabalhadores (em local ainda a designar, visto estar pendente do tempo que nesse dia fizer) em que cada participante aprontará o seu próprio farnel;

— às 15 horas, um grande comiclo sindical, no qual intervirão dirigentes sindicais vindos dos vários distrilos do País. Como nota especial, esperamos que se possa escular um ou mais sindicalistas revolucionários, intervenientes no 18 de Janeiro de 1934:

— às 17 horas, haverá um programa artistico para o qual já está assegurada a colaboração dos conhecidos intérpretes Carlos Paredes, Manuel Freire, José Barata Moura, Luis Viegas e outros, cuja confirmação aguardamos de um dia para o outro.

Também contamos com a presença da Intersindical Nacional a estas comemorações, de forma a transformá-las no grande objectivo o a que nos propomos: fazer deste 18 de Janeiro de 1976 um imensa Jornada de Luta Sindicalista e Antifascista Nacional, com os olhos postos na defesa intransigente dos interesses de todos os trabalhadores e particularmente das liberdades sindicais conforme o foi em 1934.

A LUTA

CONTRA OS DESPEDIMENTOS

Em termos capitalistas é absolutamente normal falar em despedimentos, tanto individuais como colectivos. Diriamos mesmo que o patronato usa e abusa do que eles tomam por um «direito» – o despedir por tudo e por nada.

Entre as vitórias alcançadas pelos trabalhadores conta-se uma legislação, embora já inadementos, no entanto, os novos termos da actuação do Governo têm vindo a incentivar a escalada reaccionária dos patrões, que võem nos despedimentos a salvaguarda dos seus faustosos lucros.

Assim, aqui e ali, deparamos com trabalhadores atrados para a rua pelos motivos mais fúteis e reaccionários. Ao nível das grandes empresas, sobretudo das multinacionais, então agita-se o espantalho dos despedimentos, quando não se abandonam pura e simplesmente os trabalhadores. É nesta altura da crise que aparecem bem claros os tentáculos que as multinacionais cravam no povo para, com a compla-



Cardoso Simões

cência do Governo, sugar até à última gota o sangue dos trabalhadores.

Camaradas, quereis um exemplo mais evidente? Vêde o que se está a passar na Timex, onde 700 a 800 trabalhadores correm o risco de serem despedidos – assim o exige o capitalismo internacional.

ALAVANCA saiu para a rua. Falou aqui e ali com os trabalhadores, recolheu impressões sobre um problema que é de todos e que nem sempre sabemos equacionar.

(MARIA ALDA TANQUEIRO

— Delegada sindical da empresa Auto-Viação Bucelense)

«Só aceitaria, e com reservas, o despedimento como última instância para um trabalhador que não tem recuperação possí-

vei; o que custa, aliás, um pouco a acreditar, pois se houver estruturas internas adequadas nas empresas é sempre possivi uma recuperação desse trabalhador. Tais casos não acontecem nas verdadeiras socialistas, ondem existem estrutas para a recuperação desses individuos, não recorrendo nunca ao despedimento ou à marginalização desses individuo como trabalhador.

Nós, os sindicalistas, devenos ultar denudadamente para que se comecem a criar verdadeiras estruturas de educação e cultura para os trabalhadores dentro das próprias empresas ou organismos sindicais, no sentido de despertar nos trabalhadores uma completa consciência dos seus deveres no plano laboral, social e humano."



José Barros

(JOSÉ BARROS — Escanção — Sócio do Sindicato da Indústria Hoteleira)

¿Quanto aos despedimentos não podem ser só os Sindicatos a lutar contra eles, temos que ser todos nos trabalhadores a tomar consciência de classe e unirmo-nos na luta contra essa forma de divisão que o «capital» emprega para enfraquecer o poder de luta dos trabalhadores e portanto criar força (dele «capital»), o que só nos levará rapidamente à época anterior ao 25 de Abril.»



Onildo Lisboa

(ONILDO LISBOA — Motorista — 31 anos)

«Trabalhava como motorista particular de um dirigente de vendas da Torratla. Logo após o 25 de Abril o processo do meu patrão – Alberto da Câmara Rodrigues – foi o de todos os patrões, criar desemprego e o caos, como é evidente.

Por lal sinal, esse mesmo senhor saneado da Torralta. Para ele não houve problemas, visto que tinha outros negócios, mas eu como trabalhador tive muitas dificuldades para arranjar emprego, até que arranjei como motoexperiência, mas adaptei-me bem A firma em causa era a garagem Talismā. O patrão era muito «democrata». como todos os patrões. Falávamos muito e ele elucidava-nos em esclarecimento à linha do PS; como a minha linha não era essa, mas sim a defesa de todos os meus camaradas, ele tentou por todos os meios pôr-me fora da empresa. Infelizmente isso continua a

rista de táxi, sem um mínimo de

Infelizmente isso continua a suceder com outros muitos trabalhadores, sem que o Governo defenda os interesses e os direitos da classe operária.»

CONTRA OS ATENTADOS ÀS LIBERDADES SINDICAIS

Os atentados contra as liberdades sindicais e democráticas, a repressão sobre os trabalhadores e organismos sindicais come cam a fazer sentir-se. Após o 25 de Novembro e com a consequente tentativa de recuperação da revolução pelas forças con-servadoras e de direita, as organizações dos trabalhadores começaram a ser atingidas. Todos sabem, que o capital para se instaurar tem que reprimir o tra-balho, daí que a pouco e pouco trabalhadores sejam reprimidos (caso da carga da PSP sobre os trabalhadores editores e livreiros do Porto), que as suas organizacões de classe seiam alvos de atentados (caso do Sindicato do Comércio e Indústria Farmacêu-tica, Sindicatos das Trabalhadoras Domésticas, Rodoviários, Escritórios e até a própria Central Única dos Trabalhadores Portu-

Mas exemplifiquemos: Sob o protexto de «busca de armas» ainda em pleno estado de sítio, foram os rodoviários, os Escritórios, e os Hoteleiros visitados, os dois primeiros por forças dos comandos e o último pela polícia. Depois foi o Sindicato dos Trabalhadores da Indústria e Comércio Farmacêuticos em que o Ministério do Trabalho violando a própria lei sindical (em cujo art. 6 no n.º 2 se pode ler: «as associações sindicais são independentes do Estado, dos partidos políticos e das instituições religiosas, sendo proíbida qualquer ingerência de-stes na sua organização e direcção, bem como o seu recíproco financiamento») decidiu selar a sede do Sindicato. É o mesmo Ministério do Trabalho que arbi-trariamente decidiu legalizar o Sindicato Livre das Trabalhadoras Domésticas (Ligado à Casa de Santa Zita, de tão má memória), desrespeitando para tanto

não só as conquistas das próprias trabalhadoras, como também a decisão de milhares de trabalhadores que reconheceram o Sindiato do Trabalho Doméstico como o único representante das que trabalham em casa alheia.

Em nome da «liberdade e do pluralismo» praticam-se todos estes actos» Mas que liberdade? Para os trabalhadores deste país, não de certeza absoluta.



Evaristo Carrejera



Vitor Amaral

senão não se praticavam tantos actos contra as liberdades conquistadas «pelas massas trabalhadoras.

Então e o tão falado «pluralismo». Pretendem os governantes do último país da Europa fazer um socialismo com patrões e operários? Sabem por acaso os que se dizem representantes do povo (qual, o explorador ou o explorado?) que o socialismo se constról com os trabalhadores e contro aos capitalistas e que os unicos que tem direito a falar são os explorados? Cautela camaradas, que estão a tentar transformar a via original para o socialismo. En preciso que cerremos fileiras em tormo das conquistas proletárias já alcançadas e que não detxemos que os fascistas voltem de novo a reinar neste país.

Acerca destes dois temas, atentados às liberdades sindicais e democráticas e repressão sobre trabalhadores e sindicatos, entrevistámos alguns dirigentes sindicais.

Assim, Evaristo Carrajeta do Sindicato dos Metalúrgicos de Evora disse-nos: A repressão terá de ser combatida por todos nós. Só a união de todos os trabalhadores evitará a sua continuação e o seu aumento.

Pór sua vez, Daniel Batista do Sindicato das Conservas de Leiria deu-nos a sua opinião: "Penso que aos atentados às liberdades democráticas e sindicais, os trabalhadores têm que responder com a sua união em torno dos seus sindicatos para assim termos mais força e evitarmos qualquer tentativa da reacção e da direita contra os trabalhadores. Só após o VI governo é que eles tentaram fazer



Joaquim Messias

isso, porque o governo tem ajudado a entidade patronal e só a força dos trabalhadores unidos vencerá a reacção.

Por outro lado, *António Joa-*

Por outro lado, Antonio Joaquim Messias do mesmo Sindicato referindo-se ao alargamento de âmbito do CCT da Indústria do Frio do Sindicato do Centro disse: até hoje ainda não obtivemos qualquer resposta». João Cardoso Simões do Sin-

dicato dos Bancarios do Centro«Está-se a tentar neste mmento fazer prevalecer a teoria
capitalista, isto é, começa-se a
dizer que sem o capitalista os
trabalhadores não poderão sotrabalhadores não poderão sopreviver. Em nome do «caos
económico» estão-se atacando
todas as estruturas de base de
modo a que os trabalhadores se
desmobilizem. Neste momento a

J

inir

evi

Bra

Lo,

COL

de

es

ria

ao So

sei

pro

coi

mo

um

po ter

sis

ca

fas

es

pa

pa M tu da o ci tir

esquerda tem de definir o seu inimigo principal e unir-se para evitar a recuperação do processo pela direita.

Do Sindicato dos Têxteis de Braga falámos com Vitór Manuel Lopes Amaral, que nos disse: «Penso que os atentados que se começam a verificar é uma forma de dar força ao fascismo para que regresse novamente ao país Tudo isto é motivado pela falta de esclarecimento da classe operária, e pelo oportunismo de alguns ao longo de todo este processo Sobre a repressão que já se faz sentir em Braga (para além da destruição de sedes de partidos progressistas e sindicatos, do mercado do povo, etc.) conta-ram-nos como os patrões cada vez se sentem mais animados com a nova situação. Deste modo na firma Almeida e Filhos um dirigente sindical foi ameaca do de despedimento. Na «Lopes Correia» o patrão ameaça constantemente os trabalhadores não os deixa reunir e ameaça-os da seguinte forma: «Está a chegar a hora de os apertar pela gravata e pendurá-los numa árvore». Já despediu também um delegado sindical que depois teve que voltar a readmitir em virtude de o CCT prever a instauração de processo disciplinar, e não ercontrou matéria disciplinar para o despedimento. «Os patrões de um modo geral — informou-nos o Presidente do referido Sindicato — os patrões criaram aversão aos delegados sindicais sobretudo após o 25 de Novembro. Os trabalhadores com alguma experiência continuam a lutar, no entanto outros em face das constantes ameaças pedem a demissão de delegados sindicais».

Alerta camaradas! A reacção avança. As lorças de direita procuram destruir por todos os meios as conquistas das massa trabalhadoras. Só a união de todos os trabalhadores travará o passo à avançada das forças da burguesia.

(ANTÓNIO JOAQUIM COSTA CUNHA – Delegado Sindical)

«Na minha empresa houve um saneamento de 5 jornalistas. «O Século» era um jornal que se encontrava ao serviço das classes exploradas deste país e o que se deu foi precisamente um assalto aos órgãos de Informação, suspendendo logo de inclos trabalhadores progressistas, que acusam de elementos responsáveis pelos problemas que tinham surgido dentro da empresa, o que não é verdade.

Esta perseguição é a tentativa de marginalizar os trabalhadores progressistas para dominar os trabalhadores mênos esclarecidos e levá-los a desistir da sua luta pelos reais interesses da classe trabalhadora.»

Manuel Gonçalves



M. Alda Tanqueiro

(JOSÉ BARROS - Escanção - Sócio do Sindicato da Indústria Hoteleira)

"Saneamentos à esquerda?" Só vejo isso como una fraqueza dos trabalhadores, que não vêem que a curto prazo estaremos sós e "nus" contra a couraça do capital, pois que que a escalada ainda não parou e já se fala à boca cheia entre os representates da grande burguesia em abater a Central Sindical e nós continuamos mudos e quedos e isso é o maior passo da reacção contra os trabalhadores.

(MARIA ALDA TANQUEIRO – Delegada sindical da empresa Auto Viação Bucelense)

«O saneamento como forma de solução de um problema é verdadeiramente negativo. Mesmo em relação aos saneamentos à direita que se fizeram, muitos deles eu penso que pode-

riam ser conduzidos no sentido de uma recuperação, mais de acordo com a ideologia socialista. Em relação aos saneamentos à esquerda que se têm verificado até agora são na sua maioria verdadeiramente arbitrários. Têm sido possíveis devido à falta de politização e esclareccimento de muitos trabalhadores que fazem o jogo não só dos patrões

Direcção do Sindicato dos Tra-

balhadores Químicos de Lisboa reunida para a resolução de tare-

fas sindicais viu-se obrigada a

analizar a actual situação político-militar dada a congelação da

contratação colectiva que repu-

dia veementemente não aceitando que a solução da crise actual

passe por medidas anti-operá-

rias e como únicos sacrificados

os trabalhadores o que faz lembrar os 48 anos de fascismo que

o povo português viveu. Medidas

anti-operárias como as revistas e

buscas aos Sindicatos numa his-

térica actuação repressiva são

factores alarmantes que não podem deixar de ser denunciados e

vêm demonstrar à evidência que

se vive num clima de intimidação

dos trabalhadores no sentido de

calar as suas justas reivindica-

cões. A ingerência do governo e

seus fiéis serventuários com

grande aparato bélico e militar só

TELEGRAMA

reaccionários, mas também de lacaios desse mesmo patronato, que aliciando-os das mais diversas formas os conduzem à tomada de posições grandemente prejudiciais à classe a que pertencem. Há que despertar esses trabalhadores para o punhal que inconscientemente apontam a si próprios e que quando se derem conta talvez fá seja tarde.»

recordamos nos piores tempos

de Salazar-Caetano o que nada

abona a favor de homens hones-

tos que dizem defender as liber-

dades e as conquistas da revolução de 25 de Abril que ainda se

afirma como feita para defender os explorados trabalhadores por-

tugueses. Com reflexo de tudo o

que vem sido dito os saneamen-

tos à esquerda e as prisões pós

25 de Novembro são um factor

mais de apreensão para todos os

trabalhadores que vêm nestas

medidas actos que invertem o processo revolucionário que vin-

hamos vivendo e cujos motores são os homens do 25 de Abril

hoje nas prisões como contra-re-

volucionários. A estas medidas anti-operárias, anti-povo, a dire-

cção deste Sindicato coma auto-

ridade que lhe dão 28 mil traba-

Ihadores que representa diz não

e tudo fará para que todas as

massas laboriosas deste país re-

pudiem tal política e tais medidas

CONTRA OS SANEAMENTOS À ESQUERDA

O avanço da direita definido por uma política anti-operária tem-se concretizado, ao nível das empresas, na destruição sistemática das organizações dos trabalhadores na tentiva de anulação das conquistas já alcançadas.

Pondo Portugal ao passo do fascismo, a direita começou de imediato com «os saneamentos à esquerda». Expulsou, despediu, marginalizou, suspendeu, inquiriu. As vitimas forâm todas progressistas, com destaque para os delegados sindicais.

O exemplo veio de cima, onde a defesa dos privilégios de classe é mais potória. Os militares revo-



J. Nogueira Marcelo

lucionários foram para a prisão, parades-meias com os pides. O Ministério do Trabalho, por seu turno transformado em Ministério das Corporações, fechou e selou o Sindicato da Indústria e Comércio Farmacéutico e não desmentindo à sua política burguesa, procedeu ao saneamento de progressistas, avalizando assim toda uma política de saneamentos à esquerda.

(JOSÉ LUÍS NOGUEIRA MARCELO —Empregado de Seguros — 20 anos)

«É o avanço da direita que se vai reflectir nas empresas, recaindo sobretudo sobre os elementos de esquerda, activistas, com acuidade, a nivel milito node foram afastados elementos falsamente apodados de contra--revolucionários, quando eles sempre estiveram na frente da Revolução.

(MANUEL GONÇALVES – Metalúrgico e delegado sindical da Carris — 53 anos)

"Não posso admitir o saneamento à esquerda, como é o caso de delegados sindicais e outras pessoas que se manifeacistas. Concordo sim com o saneamento de pessoas que tenham colaborado com o anterior regime (Pide) ou que nas empresas tenham feito desvio de fundos ou outro tipo de fraudes.

Há que ganhar as pessoas validas, nem que essas pessoas se manifestem de direita, desde que contribuam validamente para o país (engenheiros, médicos, operários); há que ganhá-los para servir o país no tipo de sociedade que se pretende construir, para além da sua ideologia política.»

METALÚRGICOS DE SETÚBAL

TRABALHADORES QUÍMICOS

Os trabalhadores metalúrgicos reunidos em assembleia
geral no Barreiro em 22/12/75
repudiam veementemente os
actuais detentores do Ministério do Trabalho (contra a vontade dos trabalhadores) que
pelas suas tomadas de posição sempre se mostraram
contra-revolucionários, antioperários e vendidos ao patronato, Tomás Rosa e Marcelo
Curto, assim como o próprio
Governo que está a querer pagar aos patrões com o dinheiro
dos operários.

Repudiam os saneamentos no Ministério do Trabalho, congelamento da contratação colectiva, a sindicância contra o INATEL; as perseguições contra delegados e dirigentes sindicais. A indigna e de fascistas resposta aos trabalhadores da Corame Saprel, assim como todas as buscas passadas a sindicatos e a suas representações. e o encerramento

do Sindicato dos Farmacêuticos, bem assim como todas as medidas anti-operárias que têm vindo a ser dimanadas pelo referido Ministério.

Repudíam as prisões dos militares após o 25 de Novembro, vendo nisto uma forma de repressão contra a esquerda militar, dando o Governo razão para o que se diz, de estar ao serviço das classes exploradas.

Os TRABALHADORES metalurgicos na sua luta dizem, não temer os Chaimites ou qualquer forma de opressão (como já deram provas disso) contra a sua luta, ao mesmo tempo que se reservam para as lutas que lhe advém da sua hegemonia, contra todas as forças repressivas, assim como de medidas restritivas ao movimento operário, pela sua libertação das garras fascistas ou pró-fascistas.

UNIDADE NA ACÇÃO

A LUTA

30 000 TRABALHADORES PELO DIREITO AO TRABALHO

Tal como noticiámos no utilimo número do ALAVANCA, e dando continuação a uma reunião realizada no passado dia 13 de Dezembro, efectuouse no sábado, 3 de Janeiro, uma reunião de trabalhadores, delegados sindicais de empresas em autogestão e cooperativas.

Tal como na primeira reunião, estiveram presentes representantes do Ministério do Trabalho (Delegação no Porto), Dirigentes Sindicais, de Cooperativas e elementos do sector económico da USP/IN-TERSINDICAL.

MINISTÉRIO DAS CORPORAÇÕES (EX-TRABALHO) AO LADO DOS PATRÕES

Trabalhadores presentes expuseram em breves palavras a situação das empresas onde trabalham, sendo de salientar a denúncia das manobras de muitos dos patrões afastados, que tentam agora, com o apoio velado ou descarado do Mi-nistério das Corporações (ex-Ministério do Trabalho), a recuperação das empresas. É importante referir que muitas das empresas em autogestão ou cooperativas, foram tomadas pelos trabalhadores devido á situação ruinosa a que foram votadas pelos ex-gerentes e patrões. Depois de inúmeros sacrifícios dos trabalhadores, muitas delas conseguiram sobreviver á crise provocada pelo patronato e estão neste momento em situação muito mais favorável, o que provoca a pretensão de voltar ás empresas por parte de muitos dos patrões justamente afastados pelos trabalhadores.

O MINISTÉRIO DO «TRABALHO» VAI «JULGAR»...

O Ministério do «Trabalho», ao pretender julgar da justiça ou injustiça dos motivos que levaram os trabalhadores a afastar os patrões sabotadores e reaccionários, não faz mais do que incrementar o patronato reaccionário nas suas tentativas de recuperação das empresas sob controle dos trabalhadores, passando uma esponja por cima de tudo aquilo que os trabalhadores fizeram no sentido de garantirem a laboração normal das empresas e a manutenção dos seus postos de trabalho. Na

prática, a actuação do Ministério do «Trabalho» não é mais do que a tentativa de recuperação capitalista das conquistas dos trabalhadores, entre as quais uma das mais importantes é precisamente o direito adquirido na luta de gerirem todas as empresas mal administradas pelos capitalistas.

OS SENHORES MINISTROS NÃO DÃO RESPOSTA

Um ponto importante a tratar na reunião, era a resposta dada pelos Ministérios das Finanças, do «Trabalho» e da Indústria, pelo Primeiro-Ministro e pelo Banco de Portugal, nas audiências pedidas pelos trabalhadores presentes na reunião de 13 de Dezembro. Como exigência fundamental, pretendia-se a aplicação dos Decreto-Lei 660/74 e 222-B/75 directamente relacionados com as empresas sob controle dos trabalhadores, e, para alem disso, a saída de legislação que desse personalidade legal ás empresas em autogestão e cooperativas, existentes de facto. Anesar da urgência dos problemas a tratar, só o Ministério das Finanças recebeu, até agora, os representantes dos trabalhadores. Quanto a resultados práticos desta reunião com os representantes desse Ministério, nenhuns!

UNIDOS E ORGANIZADOS VENCEREMOS

É claro que os trabalhadores não podem andar a reboque da vontade dos senhores ministros, e têm que adoptar formas de luta mais eficazes. Nesse sentido, foram aprovadas várias propostas que apontam, no essencial, para a necessidade de uma acção unitária e organizada dos trabalhadores a nível nacional, ultrapassando de uma vez por todas a burocracite (e não só) ministral e impondo soluções que vão de encontro ás aspirações de cerca de 30.000 trabalhadores só nos distritos do Porto e Braga.

PROPOSTAS APROVADAS

- Que se constitua imediatamente um Secretariado de Empresas em Autogestão e Cooperativas, destinado a dar a

máxima publicidade nacional e local a todo este problema, que se desloque ás empresas para alertar todos os trabalhadores, que estabeleça contactos com empresas de todo o país, e que comece a estudar a construição de um organismo que coordene a actividade das empresas.

Dado que todos as empresas que se encontram em autogestão foram arrastadas para esta situação pela fuga da entidade patronal ou pela sua inacpacidade para garantir o lugar de trabalho a todos os trabalhadores, considerando que os trabalhadores conseguiram sem o patrão manter os seus lugares de trabalho e que isto é uma conquista irreversível dos trabalhadores.

 1. Exigimos ao Ministério do Trabalho que todas as credenciais pedidas pelos rabalhadores sejam automaticamente concedidas, não reconhecendo ao Ministério do Trabalho qualquer legitimidade para as recusar.

2. A qualquer credencial recusada, responderão os trabalhadores de todas as empresas em autogestão e cooperativas aqui representadas, com formas de luta unitárias.

- Que se convoque um en-

contro de todos os trabalhadores até fins de Janeiro.

Finalmente, e dado que até ao pròximo dia 10 têm que dar entrada no Ministério do Trabalho os pedidos de novas credenciais, ficou decidido que a partir de segunda-feira, dia 5 de Janeiro, os trabalhadores de empresas em autogezatio e coopertivas se reunirão nas instalações do Sindicato réxtit do Distrito do Porto, na Avenida da Boavista, de forma a apoiar todas as comissões de trabalhadores e de gestão, de garantir uma resposta unida ás manobras do Ministério do «Trabalho».



CONTRA O CONGELAMENTO DA CONTRATAÇÃO COLECTIVA E O AUMENTO DO CUSTO DE VIDA

Com o passar dos dias começam a ficar mais claras as consequências que o congelamento da contratação colectivo, portarias regulamentadoras do trabalho, portarias de alargamento de âmbito e acordos colectivos de trabalho, que estavam em negociação, ou estudo para publicação e as negociações que iam começar, irão trazer para os trabalhadores.

Quando um dos motivos apontados pelo Conselho da Revolução para justificar tal decisão, é a necessidade de «tomar medidas adicionals que atinjam as classes que recebiam rendimentos que não provêm do trabalho, por forma a que todos os portugueses participem nos sacrificios, que a crise econômica lamplade, é que esta decisão significa, sim, que mais uma vez, se pre-

tende fazer pagar aos trabalhadores o preço da crise, não só nos aspectos económicos, como também nos seus aspectos políticos

Numa breve, e por isso incompleta, análise sobre os dados disponívels, constata-se que o congelamento da contratação-colectiva prejudica de imediato cerca de 800.000 trabalhadores, distribuidos por 22 sectores de actividade que, por essa razão, não têm possibilidades de fazer face ao aumento do custo de vida.

Convém começar por ter uma visão global de qual a relação entre a variação dos preços e a revolução democrática.

A) Nada melhor que tomar 1974 como ponto de análise e logo verificamos que, em 4 meses de fascismo, os preços aumentaram 17 por cento, 4,3 por cento ao mês.

B) Nos restantes 8 meses, o aumento foi de 13,3 por cento, 1,6 por cento ao mês (dados referentes à cidade do Porto).

C) No período de Janeiro a Setembro de 1975, houve um aumento de 9,9 por cento, 1,1 por cento ao mês.

Pode-se por tal concluir que o aumento de preços, depois do 25 de Abril de 1974, foi muito menor do que em regime fascista.

Verificou-se que, simultaneamente com o fim da guerra colonial, se promoveu uma política antimonopolista e houve uma maior redistribuição dos rendimentos, em benefícios das classes trabalhadoras.

Apesar desta retenção de preços, eles sobem e a única forma de lhes fazer frente é pelo aumento de salários.

A) Se os preços continuassem a evoluir ao mesmo ritmo do período de Maio/74 a Setembro/75, teríamos, em fim de Ja-neiro próximo um aumento de preços na ordem de 4,5 por cento

Mas não é certamente isso que se verificará, como diversos fac-tores já o indicam: Anúncios sobre aumentos de

precos:

-51 por cento nas BATATAS 40 por cento na GASOLINA - 19 por cento nas GARRA-FAS DE GÁS

10 por cento no TABACO 27 por cento no LEITE (na prática, verifica-se em alguns lo cais de venda um aumento de cerca de 60 por cento).

Anúncio da falta de vários produtos de primeira necessidade

Aumento de 40 por cento nos transportes colectivos

Perspectivas de fim de tabelamento de muitos produtos, o que poderá acarretar um aumento muito mais sensível de preços em produtos essenciais.

– Afrouxamento ou abandono

de uma política antimonopolista, de que são sinais evidentes:

Política bancária que tenderá a fazer aumentar o desemprego e o não pagamento integral dos salários em muitas empresas

- Possibilidade do patronato aumentar a exploração

O plano de austeridade, que é um plano que impõe sacrifícios aos trabalhadores e poucos sacrí fios aos capitalistas

Errada política de comércio externo, que amarrará a nossa economia à inflação dos países capitalistas.

Entraves reformas agrárias que provocará diminuição (ou expansão aquém das possibilidades) da produção

Se juntarmos estes factores. não será exagerado pensar num aumento de custo de vida até fins de Janeiro/Fevereiro de 1976, de 20 a 30 por cento, em relação aos dados referidos a Setembro de

Esse aumento significará que um salário de 4.000 escudos comprará apenas o que hoje compra com 3.000 escudos, que um salário de 7.500 escudos só terá poder de compra apenas de

5.625 escudos, etc. Como se distribui o rendimento nacional?

Não há dados muito actualizados da repartição do rendimento nacional.

No entanto, afirmam-se as maiores barbaridades, tais como:«O rendimento nacional é maior que o produto. Os salários absorvem todo o rendimento»

No regime fascista verificava -se uma distribuição que reflectia o grau de exploração: só 30 por cento do rendimento é que ia para os trabalhadores

A tendência do sistema era fazer diminuir essa percentagem.

Após o 25 de Abril, os trabalhadores conseguiram combater a crescente pauperização relativa, mas continuaram com uma parcela reduzida do rendimento na-

Sendo sabido que o período entre Maio e Dezembro de 1974 foi dos que mais se caracterizou por reivindicações salariais, e apesar disso os ordenados salários da actividade privada apenas aumentarm em relação ao ano anterior de cerca de 1 por

cento, podemos concluir: A parte dos salários e ordenados do rendimento nacional é reduzida.

Considerando globalmente ordenados e salários da actividade privada, remuneração das For ças Armadas e do pessoal civil do sector público e as contribuições patronais para a Previdência, a remuneração do trabalho não deve agora ultrapassar os 55 por cento

Estes valores mostram que os trabalhadores beneficiaram com o processo revolucionário, mas que ainda não atingiram o nível de vida de outros países capita-listas (cuja média de remuneração do trabalho é dos 70 a 80 por cento) e, por maioria de razão, dos trabalhadores dos países socialistas.

As afirmações desesperadas do patronato e de outros com que ele fazem coro, apenas mostram o anseio de maior exploração, e reflete o atraso das forças produtivas no nosso país, as quais não permitem um desenvolvimento capitalista sem uma desenfreada exploração



Carlos Martins

que permitam a criação de novos postos de trabalho e através de um aumento global da produção. Mas estas duas medidas levan tam alguns problemas, de resto bem compreensiveis. O aumento da produção só se regista quando os trabalhadores controlam efectivamente essa mesma produção. Trata-se, portanto, do chamado controlo operário da produção. Por outro lado, o au-mento da produção só se verificará quando os trabalhadores tiverem a certeza de que não estão a colaborar para a recuperação do capitalismo. Quanto aos investimentos todos nós sabemos que por parte dos grandes capitalistas nada mais podemos esperar que boicotes.x

Referindo-se igualmente aos investimentos e às possíveis ajudas externas, um dos entrevistados acrescentou: «Os países capitalistas não nos concederão empréstimos sem que disso possam tirar uma contrapartida. Por outro lado, além da crise geral que, neste momento, o capitalismundial atravessa, naturalmente que não estão nada interessados em ajudar-nos

UM EXEMPLO DE BOICOTE Na verdade, o capitalismo in-

ternacional tudo tem feito para que a nossa revolução, rumo ao socialismo, seja um fracasso Senão vejamos um exemplo bem concreto que nos foi dado a conhecer pelos camaradas da CUE: «Como é do conhecimento geral, os Melos encontram-se fugidos no estrangeiro. Pois bem: o sr. José Manuel de Melo enviou um telex para os estaleiros da Lisnave dizendo que estava em vias de arraniar um contrato de 12 milhões de contos firmado com um dos países árabes. Ora. se a CUF já não lhe pertence, se não está, tão pouco, em Portugal, porque se interessa tanto pelos nossos problemas? A resposta é hastante simples: trata-se de entravar as negociações de contractos que estavam a ser feitos com alguns países do leste, no meadamente a Polónia, 18 milhões de contos e a União Soviética, 22 milhões de contos.»

Directamente relacionado com o aumento do custo de vida. surge-nos o problema do congelamento da contratação colectiva decretado durante o tristemente célebre estado de sítio e posteriormente prorrogado pelo Conselho de Ministros até 29 de Fevereiro de 1976, que tem vindo a afectar cerca de 800 mil trabal-hadores. Cabe aqui perguntar, camaradas: que socialismo se pretende construir no nosso país. quando se tomam medidas antio perárias que mais não visam do que a recuperação do capita-

Começa, na verdade, a ser muito original este nosso sociaismo... Aqui vai, então, a opinião dos camaradas por nós entrevistados sobre esta medida anti-



Rogério Leandro

-operária: «O congelamento da contratação colectiva não surge por acaso. Trata-se de uma medida que se enquadra perfeitamente no aumento do custo de vida. Por um lado aumentam-se os preços e por outro tenta-se evitar que os trabalhadores façam reivindicações, pelo menos ao nível da contratação co-lectiva. Caberá, portanto, aos trabalhadores e às suas organizacões encontrar formas de luta que lhes permitam ultrapassar toda esta crise. De qualquer ma-neira, as medidas tomadas pelo Governo nunca poderão ser enquadradas numa perspectiva socialista que tanto se apregoa.

Que futuro poderemos, então, antever para Portugal? A resposta foi-nos dada prontamente pelos nossos interlocutores: «O nosso capitalismo é subdesenvolvido. Não temos riquezas. Para lá de mão-de-obra nada mais possuímos. Além de tudo o mais, o capitalismo atravessa profunda crise. Assim sendo, a social-democracia jamais será possível no nosso país. Restam-nos, portanto, duas al-ternativas: ou o fascismo ou o socialismo, e isso só os trabalha dores saberão evitar, no caso do fascismo, ou construir, no caso do socialismo.

Devemos, pois, estar alerta ca-maradas. As conquistas por nós alcançadas após o 25 de Abril encontram-se mais do que nunca ameaçadas. Cerremos fileiras para que o capital não levante cabeça!

COMISSÃO COORDENADORA DA CUF TOMA POSIÇÃO

«Quando dizem que este Governo está a defender os trabalhadores, desde já podemos afirmar que os trabalhadores nunca precisaram, nem precisam, de quem os defenda», declarou-nos um dos camaradas da Comissão Coordenadora Intercomissões

de Trabalhadores do Grupo CUF.

A conversa que tivemos com quatro camaradas daquela Comissão visou, sobretudo, colher a sua opinião sobre o aumento do custo de vida.

O aumento de preços dos bens de grande consumo afecta essencialmente os trabalhadores. Tal política de preços, levada a cabo pelo VI Governo, provoca um abaixamento do salário real das classes trabalhadoras, permitindo aos capitalistas repor o nível de lucros praticado antes do 25 de Abril, dentro de uma política que visa a recuperação do capitalismo.

Mas vejamos o que, sobre o assunto, nos declarou um dos nossos entrevistados: «Não temos dúvidas que a nossa economia atravessa sérias dificulda-des, mas as medidas de restrição agora tomadas pelo Governo recaem , sobretudo, sobre as clastrabalhadoras. Por isso ses mesmo, tais medidas, conduzem a uma situação de descontenta-mento e desinteresse geral que poderão criar um clima propício ao surgimento de uma espécie de



Horácio Gonçalves

Ninguém deverá, portanto, tel dúvidas sobre as sérias dificul-dades económicas que o nosso

O problema reside na estratégia a adoptar para que essas mesmas dificuldades sejam ultrapassadas. Só que, durante 48 anos, as crises económicas sempre foram ultrapassadas à custa das privações a que eram submetidas as classes trabalhadoras. Melhor dizendo: à custa da exploração do Povo português por parte dos grandes capitali-stas e latifundistas.

que os aumentos agora registados nos façam recordar, um pouco, os processos utilizados anteriormente ao 25 de Abril de 1974.

QUE FAZER

Sobre o que acima ficou dito dos nossos interlocutores adiantou-nos: «A nossa crise económica não se resolve com aumentos de preços. Resolve-se sim, através de investimentos

PLENÁRIO DA INTERSINDICAL NACIONAL NA UNIDADE OS TI

Com a duração de 8 horas consecutivas, realizou-se no passado dia 30 mais um Plenário da Intersindical Nacional.

O Plenário to teve lugar no Teatro da Trindade, em Lisboa, tendo sido proposta, inicialmente, a seguinte ordem de trabalhos: Diacussão e votação do orçamento para 1976 com o parecer do Conselho Geral, análise da situação política e medidas a tomar face à actual conjuntura e informações.

No entanto, por proposta felta pelo Secretariado da Intersindical Nacional, o segundo porto da Ordem de Trabalhos, dada sa usa franciacia, fol transferido para o próximo plenário, a realizar em Colimbra nos próximos días 16 e 17.

ORCAMENTO PARA 1976 -

Dando inicio à discussão do primeiro pondo inicio à discussão do primeiro pondo co-amarada Angelo Ferreira, mempor do Secretariado Nacional que presidiu à Mesa da Assembleia, começou por declarar. É em cumprimento do que se encontra consignado nos seus establema que, pela primeira vez, a Intersindical Nacional agreseria o seu Organimeira vez describado de acual de come de

agrovação.

agrovação.

agrovação e resiçado as dificuldades enprocesa para a elaboração deste primeiro Drgamento dada a falta de orçamentos e relatiónos parcelares e de elementos diversos sobre alguns sindicatos,
comarada Angole Frentria afimou. Com
os montantes apresentados, aplicando
permanentemento uma política de grande
todas as coedições para que a actividade
todas as coedições para que a actividade
todas as coedições para que a actividade
refere à coordenação do conjunto das responsabilidades de todas as organizacões sindicais que se integram na Intersindical Alacional. As grandes batalhas en
momento em que as forças reaccionárias portuguesas se esforçarão ainda mais por
dividir os trabalhadores portugueses tentando espartilhar o seu movimento sindal, impordo nocossariamente importan-Anós ter realcado as dificuldades encal, imporão necessariamente importan-tes despesas às quais é preciso fazer

face.

Ângelo Ferreira lembrou, por outro lado, que no presente momento histórico, compete ao Movimento Sindical um importante papel não só em tomar irreversi. veis as conquistas democráticas revolu-cionariamente obtidas pelo Povo Portu-guês, como ainda unir todos os trabalha-dores independentemente das suas lhações ideológicas

TAREFAS **IMEDIATAS** DA INTER

Foram, em seguida, apontadas medi-

Proceder à reestruturação do Movi-mento Sindical, tendo em conta a vertica-lização dos sindicatos e das federações;

Desenvolver a acção das Uniões Distritais e Locais, autêniños baluaries da Interisidida la nivel regional e apoiar a Interisidida la nivel regional e apoiar a Apoiar os contactos das Uniões com a autarquias locais e as gionais;
 Incentivar o controlo operário em Interior de Interior de

Desenvolver a participação dos vens e das mulheres nas estruturas e

jovens e das minimos actividades sindicais; — Avançar na criação e apoio de estruturas que completem as existentes na defesa da Reforma Agrária e das

nacionalizações;

— Desenvolver acções para que todos os trabalhadores tenham acesso a formas de aproveitamento útil dos seus tempos livros.

livres;
— Fazer progredir todas as tarefas no campo da Informação e propaganda no sentido de contrariar a tendência alienante da maioria dos actuais Órgãos de

nante da maioria dos actuais Orgãos de Comunicação Social. Por fim, e referindo-se à distribuição dos fundos de todo o Movimento Sindical, o camarada Ângelo Ferreira acrescentou: Para dar uma ideia da distribuição dos fundos de todo o Movimento Sindical que provêem das quotizações de trabalhadores, esclarecemos que cabem, como sa-beis, 6% à Intersindical, dos quais cerca beis, 6% a Intersindical, dos quais cerca de 3% são para suportar as despesas das Uniões; aos sindicatos cabem 94% des-ses fundos. Se bem que a proporção dos fundos gerais do Movimento Sindical com que a Intersindical conta seja interior aos verificados noutros países, na prática, a Confederação Geral dos Sindicatos Por-troluseses pem com 3% sobrevive noies comederação derá dos sindicatos reintrugueses nem com 3% sobrevive, pois não tem tido a garantia de receber dos sindicatos as quotizações, da mesma forma que os sindicatos têm garantidas as quotizações dos trabalhadores seus as-

sociados.

Procedeu-se, seguidamente, à análise
mais detalhada do Orçamento, merecendo especial atenção do Plenário as
despesas previstas com o Departamento

despesas previsas como Departamento de Informação e Propaganda e o Departamento de Relações Internacionais. Relativamente a este último, foram lembradas as especulações em torno das despesas feitas com as visitas que se realizam a países amigos.



Por isso mesmo, o camarada Álvaro Rana, membro do Secretariado respons-ável por aquele Departamento, salientou que a quase totalidade das viagens e que a quase totalidade das viagens e estadias são suportadas pelos países visitados que, compreendendo as dificul-dades económicas do Movimento Sindi-cal Português, procuram, desse modo, acteruar as nosas despesas. Cuarito ás delegações estrangeiras que nos visitam, radidade, apenas as estadias são suporta-das pela Intersindical Nacional. Tendo em vista pór cobro a estas e outras insinuações, ficou aprovado pelo Plenário que se publicasse trimestral-

Plenário que se publicasse trimestral-mente no «Alavanca», um balancete de

mente no "Alavanca", um balancete de receitas e despesas.
Passadas quase 4 horas de discussão sobre o primeiro ponto da Ordem de Trabalhos, o Orçamento veio a ser aprovado, na sua especialidade, por maioria.
Durante a discussão do segundo, e útimo ponto da Ordem de Trabalhos, Informações, foram abordados alguns dos problemas candentes do Movimento. Informações, foram abordados alguns dos problemas candentes do Movimento Sindical Português, tendo sido aprovadas diversas moções bem como um importante documento em que se analisa a luta dos trabalhadores portugueses após o 25 de

Abril. No mesmo documento são igual-mente apontadas as tarefas que, neste momento, se colocam aos trabalhadores. Dada a sua importância, passamos a

transcrever alguns passos mais significativos desse documento.

AS NOSSAS CONQUISTAS

Após salientar que «com o 25 de Abril ciraran-se condições para que a luta dos trabalhadores se desenvolvesse em novas formas e por objectivos que dizem respeito a todo o Povo», declara-se:
«As vitórias alcançadas pelo movimento popular de massas, em aliança com o M.F.A., sobre a reacção, no 28 de Settança com o M.F.A., sobre a reacção, no 28 de Settança com o M.F.A., sobre a reacção, no 28 de Settança com o M.F.A., sobre a reacção, no 28 de Settança de Companio de M.F.A., sobre a reacção, no 28 de Settança varaços decisivos na luta contra o capital a independência nacional:
«As nacionalizações da banca, dos seguros, da electricidade e gás, dos tabacos, da cerveja, dos petróleos e dos cimentos e a nacionalizações das empresas chave dos transportes, químicas e metalútigicas de base e a concretização

sas chave dos transportes, quimicas e metalúrgicas de base e a concretização de alguns dos aspectos fundamentais da Reforma Agrária, constituem os passos mais decisivos dessa luta. "No campo do melhoramento das con-cições de vida e de trabalho, o estabeteci-mento do salário mínimo e a sua actuali-zação, a conquista de cadernos reivindi-cativos nas empresas e de contratos zação, a conquista de cadernos revindi-cativos nas empresas e de contratos colectivos de trabalho em inúmeros sec-tores profissionais e de actividade, per-mitram que, pela primeira vez, amplas e-l'oi através da contratação colectiva e-l'oi através da contratação colectiva e-l'oi através da contratação colectiva menta de la contrata de la colectiva en conquistaram o direito às forias, ao 13º mes, a redução do leque salarial, um horário de trabalho mais justo e outras regalias, entre as quais a probição de

regalias, entre as quais a proibição de

«A institucionalização da Intersindical «A institucionalização da Intersindical Nacional e o reconhecimento do principio da Unicidade Sindical foi outra importante conquista dos trabalhadores, pois per-mitiu uma defesa mais eficaz da sua unidade, e, consequentemente, uma in-tervenção mais coordenada e conse-quente do Movimento Sindical nastarefas da Revoluxão. da Revolução.

da Revolução.

«Outra importante conquista alcançada foi a participação dos trabalhadores na gestão da Previdência, desde há muito reivindicada pela intersindical Nacional.

«A luta contra a sabotagem económica e a necessidade sentida pelos trabalhadores da reconversão de muitas empresas e sedicers bases da economica de reconomica de re

sas e sectores base da economia, a necessidade de introduzir novos métodos

de gestão e de criar as bases organizati-

A NOSSA SITUAÇÃO ECONÓMICA

Chama-se, em seguida, a atenção para as manobras levadas a cabo pelo capita-lismo interno bem como pelo imperialismo



no sentido de entravar a nossa Re-

no sentido de entravar a nossa Revolução.

Quanto à situação económica do País, afirma-se:

"A situação económica do País é dificia, mas não è tão grave como certas forças políticas apregoam com o claro proposito de justificar uma politica antipopular, em que os principais sacrificados sejam as classes trabalhada situação económica de saciada da entual política de sustinidade, com a ajunt sintaim, a todo o custo, fazor acreditar Uma política desta natureza, que tenha como principalo objectivo e consequência a diminuição do consumo popular, contributirá para agravar e aproopular, contribuirá para agravar e aprofundar a presente crise.



RABALHADORES AVANÇAM

política de austeridade: um que serve os trabalhadores, o que contribui para o avanço do processo revolucionário, atin-gindo preferencialmente os trabalhadores gindo preferencialmente os trabalhadores os custos da crise económica, e que visa, em última instância, a recuperação capitalista de aconomia. É evidente que o tipo de austeridade pretendido pelos actuais érgãos do Poder, se dirige para a segunda alternativa. «O congelamento da contratação colectiva, o aumento substancial dos preços de produtos de amplic consumo possible o produce de produtos de amplic consumo possible.

lectiva, o aumento substancial dos preços de produtos de amplo consumo, popular, já anunciado, a fixação de baixos im-postos sobre rendimentos nalo provenien-tes do trabalho, a multiplicação de im-postos indirectos que alingem fundamen-tamente as classes trabalhadoras, au-mentando o cuto de vida, os sobstidios a mentando cuto de vida, os sobstidios a encontram mesmo multinacionais, tudo sto sobstitos de vida, os sobstidios a encontram mesmo multinacionais, tudo sto sobstitos de vida de vida de vida de vida sobstitos de vida de vida de vida de vida de vida de encontram mesmo multinacionais, tudo sto sobstitos de vida de vida de vida de vida de vida de sobstitos de vida de vida de vida de vida de vida de vida de sobstitos de vida de vi encontram mesmo multinacionais, tudo sitos 8ão exemplos concretos que provam de uma forma extremamento ciara, que a política de austendade dos actuais organs contra os interesses dos trabalhadores da sua custa.

«O ataque a conquistas historias do nosos Pôvo, como são as nacionalizamos do nosos Pôvo, como são as nacionalizamos do nosos Pôvo, como são as nacionalizamos de actuais de

ario e a Unidade do movimento sindica, e também o ataque a tudo aquilo que pode permitir que o desenvolvimento económi-co venha beneficiar em primeiro lugar as camadas mais desfavorecidas da po-

camadas mais desfavorecidas da população.

- Os ataques às nacionalizações visam impedir a consolidação e mesmo o alargamento de um ampio sector da economica, base fundamental do noso desenvolvimento economico de defesa da esta de consolidação e mesmo desenvolvimento economico de defesa da esta de consolidação e mesmo de consolidação de consolidação de composito de composito de consolidação de consolidação de composito de composito de consolidação de composito de composito de consolidação de composito de composito de composito de consolidação de composito de

sementeiras e aflaias agrícolas, e o pagu-mento rápido das colheitas entregues é deliberadamente bolcotado. - E de salientar que onde a Reforma Agrária se tem feito foi garantido o direito de la companio de la companio de la coloridada de la cabando Italiamente o desemprego - O control o operário passa a ser cha-mado pelos actuais origãos do Poder, de -Controlo da Gestão - E de esperar que tantas sejam as limitações impostas por leá aquele controlo, que se pretenda por um lado adar a sua entrade em vigor e

o sector privado, e por outro, transformar o controlo operário na famigerada co-ge-stão, que significa a participação dos trabalhadores na gestão da sua própria exploração.»

QUE LIBERDADE

No que respeita à Previdência Social e à liberdade sindical, adianta-se:

«Com a entrada dos representantes dos trabalhadores para os órgios administrativos da Previdência, com a institucio-nalização do Conselho Coordendor e sua Exécutiva e com o reconhecimento do direito dos trabalhadores a fiscalizarem o pagamento das contribuições, circiaram-se em os primeiros passos com vistá à sua gestão democrática e consequente trans-tormação das estruturas existentes. É necessário avançar com a reestruturação da Previdência e tal tarefa só e possível com a participação dos trabalhadores atraves do se sus orgãos enpresentativos. através dos seus órgãos representativos. «Só assim se poderá simplificar o seu

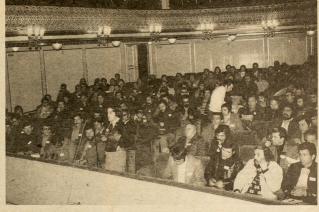
«Só assim se poderá simplificar o seu aparelho orgánico, reduzir os custos ad-ministrativos, melhorar o esquema ex-sistente de beneficios, sobretudo no que respeita aos concedidos a trabalhadores em determinadas condições especificas, no-lução parcial do problema financeiro da de problema financeiro ad-tar de de problema de cobran-da de la conseguencia de companio de Al libertigões sindical é, uma das liber-

«A liberdade sindical é uma das liber-dades democráticas institucionalizadas na lei. Contudo, à medida que se desenna lei. Contudo, à medida que se desen-volvia o processo revolucionário, as fo-rças do capital intensificaram progressi-vamente os seus ataques ao Movimento Sindical. Estes ataques encontram a sua justificação na luta que o Movimento Sindical tem travado pela melhoria das condições de vida dos trabalhadores e pela avaeno do processo revolucionário pelo avanço do processo revolucionário contra os interesses do capitalismo interno e internacional

no e internacional,

-inicialmente os bandos de elpes, pides
toda a espécie de arruaceiros atacaram
e saquearam as Uniões Síndicais do
Porto e Braga e o Síndicato dos Téxteis do
Porto, outro de Lisboa e um dirigente
sindical da Marinha Grande. Os ataques
bombistas a viaturas de sindicalistas, as
agressões e ameaças de morte são constantes.

«Após o 25 de Novembro a coberto do «Após o 25 de Novembro a coberto do aparelho de Estado e militar, tem-se cometido significativas arbitrariedades que demonstrama as intensões dos actuais órgãos do Poder. Os «comandos» fizeram buscas a diversos sindicatos, nomeada-mente Rodoviários e Escritórios de Lisboa e Tévteis do Porto. A P.S.P. revistou ninuciosamente o Sindicato da Indústria letelatera en la comunicación de la consecución con comunicación de la comunicación se con contrator de la comunicación con contrator de la comunicación por la comunicación se con contrator con c Hoteleira em Lisboa e por ordem do Governo assalta encerra o Sindicato dos



Trabalhadores da Indústria e Comércio Farmacéutico. AP S.P. reprimiu e agrediu so trabalhadores liverios em luta por melhores condições de vida e trabalho. "Agora o Conseiho da Revolução se-gundo noticias publicadas nos órgãos de informação, está a tentar rever a lei das Associações Sindicais, possivelmente com a finaldade de destruir a unidade do Movimento Sindical."

MOÇÕES E PROPOSTAS APROVADAS

Transcrevemos, seguidamente, as pro-postas e moções aprovadas no decorrer do Plenário.

postar i moções aprivedas no decorier proposta en moções aprivedada no decorier proposta do Sulcita do Os Sulcita do Sulc

com o intuito de confraternizar com os militares progressistas ali encarcerados e exigir a sua imediata libertação e reinte-

gração.

Propomos: que os camaradas aqui presentes façam junto dos seus sindicatos um apelo à classe operária para que se desloque em massa a Caxias, no día 31.12.75 a partir das 22 horas. Pela unicidade, pela defesa dos órgãos de Poder Popular, pela imediata liber-tação e reintegração dos militares pro-gressistas, viva a classe operária, viva o gressistas, viva a classe operária, viva o

Em aditamento à proposta acima trans

Em aditamento à proposta acima trans-crita foi aprovada por unanimidade o seguinte texto do Sindicato dos Carpintei-ros do Porto:
«Propomos que fosse acrescentada a essa proposta os de Custóias, pois, também, lá estaremos no día 31».
Por seu turno o Sindicato dos Metatúr-gicos de Lisboa apresentou a seguinte

proposta que veio a ser aprovada por unanimidade:

proposta que veo a ser aprovada por
—— Considerando que a participação
dos trabalhadores na gestão da Previdência foi uma das conquistas mais
importantes neste sector.
—— Considerando que é aus trabalha—— Considerando que é aus trabalha—— Considerando que a tenta trabalha—— Considerando que as tentativas de
resolução dos problemas da Previdência;
—— Considerando que a testudado
corpamento gerá do Estada poderá vir a
realizada dos estadas da mesma pelos
trabalhadores;
—— Considerando que a resolução dos
problemas financeiros da Previdência
passa entre outras medidas pela promulgação da legislação que obrigue o patro— Os sindicatos presentes no Plenário
da Intersindicial Nacional de 30.12.75
decidem:

Previdência sobretudo no que respeta á gestão democráfica; «o) Propor a todas as organizações dos trabalhadores que realizem uma ampla da Previdência e as formas de resolução dos diversos problemas da mesma. « Igualmente aprovada por unanimidade, foi a proposta a presentada pelo Sindicato da Corstrução Civil de Bragu Intersindical e viagem revoquação imediata Intersindical e viagem revoquação imediata Previdência sobretudo no que respeita à

Intersindical exigem revogação imediata do Decreto-Lei 456/72 o qual leva o

patronato a recusar-se a pagar o 13º mês no caso dos trabalhadores terem faltado ainda que por doença ou acidente de trabalho.»

trabalho.»
Finalmente, foram aprovadas duas moções. A primeira, subscrita pelo Sindicato dos Metalúrgicos do Porto, foi aprovada por maioria e é do seguinte teor.
— Considerando o momento crítico actual, em que as forças representantes do capital tentam pór em causa as conquistas da classe trabalhadora e do Povo Porturuis em pera!

Português em geral;

«— Considerando que dentro desta pespectiva, mais do que nunca é necess-ário o reforço da unidade dos trabalhado-

ánio o reforço da unidade dos trabalhadores.

— Considerando o papel altamente positivo, que anties do 25 de Abril e no positivo, que anties do 25 de Abril e no cesso revolucionário, foi desempenhado pola Interisadical na defesa intransigente dos interesses dos trabalhadores;

— O Sindicato da industria Metalurgica do Distrio do Porto considera oportuno:

— O Sindicato da industria Metalurgica do Distrio do Porto considera oportuno:

— Sindicato da industria Metalurgica do Distrio do Porto considera de industria Metalurgica do Distrio do Porto considera de industria sognificas actualis;

— Republiar as campanhas caluniosas de determinados órgãos da Comunicação Social; que mais não visam que dividir a unidade e a força dos trabalhadores.

— Lembrar que a história do Movimento Sindical Mundial nos prova que foi através das cisões do Movimento Sindical que o capitalismo e os seus representos Sindical que o capitalismo e os seus representos fiscipicar de conseguir a muitata vezes recuperar responsar de conseguir de conseguir de capitalismo e os seus representos incuparar de conseguir a muitato vezes recuperar responsar de conseguir de conseguir de conseguir de conseguir de capitalismo e os seus representos incuparar de conseguir de conseguir de conseguir de capitalismo e os seus representos incuparar de conseguir de conseguir de conseguir de conseguir de capitalismo e os seus representos recuperar de conseguir de co

que o capitalistilo e os seus epresentares conseguiram muitas vezes recuperar as posições perdidas;

— Apelar, mais do que nunca, para a unidade de todos os sindicatos em torno da sua Central Única — a Intersindical Nacional».

unidado de todos de sindicatos en turno Nacional - Nacional - Nacional - Aprovada por unanimidade aclamação, a moção apresentada pelas camaradas do Sindicato do Serviço Doméstico e acquiente teor estado de deseguinte teor estado e de seguinte de seguin



LUTA

PELA APLICAÇÃO DO CONTROLO OPERÁRIO

O controlo da produção pelos trabalhadores corresponde às necessidades do processo revolucionário e é uma garantia essencial para o seu avanço e conso-

lidação.

Esta verdade, que consta no Plano de
Acção aprovado no Congresso dos Sindi-catos, continua a manter toda a sua actualidade e significado.

O ataque desencadeado pelas massas

trabalhadoras ao poder económico da grande burguesia, ataque necessário ao nento do processo revolucion

prosseguimiento do processo revolucion-ario, levou ao decretar das nacionaliza-ções e ao inicio da Reforma Agrária. Desde logo ficou claro que a partici-pação activa e determinante dostrabalha-dores na vida económica era uma das condições indispensáveis para garantir a desarticulação do capitalismo monopoli-sta e o lançamento das bases de uma economia ao serviço do Povo Português

ómica, desarticulando a produção e ten-tando proceder a despedimentos mas-

Ambas as condições objectivas vieram Ambas as condições objectivas vietam a tornar imperiosa a instauração do Con-trolo Operário, que rapidamente se de-senvolveu, ganhando novos objectivos e alargando-se rapidamente a um grande conjunto de empresas. A resistência que o patronato tentou em sistema empresa e var a insordir o avanço

A resistencia que o patronato tentou em muitas empresas para impedir o avanço do controlo operário, foi ultrapassada devido à correlação de foças a nível nacional e regional e à iniciativa dos trabalhadores, o que veio a contribuir para a alteração de forças a nível das próprias empresas.

A manutenção da actividade das em-presas, o reforço da organização unitária dos trabalhadores nos seus locais de trabalho, a luta contra a sabotagem econ-ómica, o desemprego e o aumento de custo de vida, a crescente intervenção dos trabalhadores na vida económica, foram alcuns dos obiectivos que se impu-foram alcuns dos obiectivos que se impuforam alguns dos objectivos que se impu

foram alguns dos objectivos que se impu-seram de imedata ao controlo operário. Todos estes objectivos não só não. Todos estes objectivos não só não. Todos de la companidad de lienta a nivel dos órgãos do poder político, irá ter consequências em todas as empresas, quer macionalizadas, quer controlados, quer controlados aportados de la capital privado. capital privado.

A profundidade dessas consequências

A profundidade dessas consequências dependerá fundamentalmente, do poder de organização e mobilização dos trabalhadores na delesa das suas conquistas. Essa defesa tem consequências não só a longo prazo, defendendo a via para o Socialismo, mas, principalmente no imediato, visto permitir reforçar a unidade da classe operána e de todos os trabalhadores contra a aplicação de uma política económica antipopular que pretenda faeconomica antipopular que pretenta ia-zer os trabalhadores pagarem pela crise para a qual não contribuiram. Essa factu-ra, que se traduziu já no congelamento da contratação colectiva (o que afecta de imediato cerca de oitocentos mil trabalha-dores), e que poderá continuar através de aumentes da preces da base especialis aumentos de preços de bens essenciais, que pesam fortemente nos orçamentos ares das classes trabalhadoras.

A recuperação da economia em provei-to do capital, e à custa dos trabalhadores é o desejo unânime de todas as forças que pretendem entravar a marcha para o Socialismo. Cabe à iniciativa dos trabal-Socialismo. Cabe a iniciativa dos trabal-hadores, a nível de empresa, de sector e regional, a pesada responsabilidade de impedir a reabertura da porta dos lucros chorudos, da sabotagem económica, da reconversão capitalista (que se traduzirá pelo incentivar de despedimentos) da volta dos patrões para as empresas, cuja

melhoria económica e financeira se deve ao esforço dos trabalhadores.

Tal como anteriormente, desde que o poder económico dos monopólios e lati-fundiários começou a ser atacado, é o avanço do controlo operário a garantia essencial (que os trabalhadores dispõem para defender as conquistas revolucion-árias a nivel de empresa e da economia em pera!

em geral. Esta conquista fundamental dos trabal-hadores, levada à prática segundo as hadores, levada a pratica segundo as condições concretas que se punham em cada caso, veio a ser reconhecida pelo V Governo e pelo Conselho da Revolução, que aprovaram o Decreto-Lei do Controlo Operánio da Produção. Aprovação que no entanto não se tornou lei, porque não fol promulgada pelo Presidente da Repú-blica

O V Governo e o Conselho da Re-O V Governo e o Conselho da Hevolução ao aprovarem este decreto reconheciam, não só a necessidade, mas o
papel fundamental que o controlo operário desempenha para uma transformação revolucionária das bases estruturais da sociedade portuguesa em favor
das classes trabalhadoras.

Também neste campo têm as forças de
circita vinda o desenvadera supessivos

ataques que se agravaram, sem dúvida, após o 25 de Novembro

após o 25 de Novembro.

O patronato, organizado na C.I.P., vem pressionando o Governo para que o controlo operário seja esvaziado do seu conteúdo revolucionário e substituído por qualquer coisa que, aparentemente progressista, o ponha dependente dos seus interesses.

Interesses.
Talivez por isso alguns jornais estejam a
dar relevo a um tal decreto-lei em discussão pelo (l'Governo sobre -Controlo
de Gestão-, que de certeza, não manter
do conteúdo revolucionário do Controlo
Operánio, Parpielamente assiste-se a
uma ofensiva coordenada do patronato a
nivel de empresas para impedir o exerci
os seus objectivos revolucionários, para
impedir a sua eficacia na luta contra a
sabotagem económica.

sabotagem económica.

Por tudo isto, o Secretariado da Inter-

Por tudo isto, o Secretariado da Inter-sindical considera que a melhor forma de defender e consolidar o controlo operário é avançando na sua instauração em todas as empresas importantes. Para permitir a maior difusão e a melhor organização do controlo operário de pro-dução, dever os sindicatos e os delega-dos sindicais difundir este documento vesobre a prática do control operário de vesobre a prática do control operário de vesobre a prática do control operário de sobre a prática do controlo operário de -sobre a prática do controlo operário de produção- que procura sinteitzar a expe-riência colectiva dos tyrabalhadores de vários sectores de actividade. Desta forma conseguir-se-á superar algumas das dificuldades práticas que se pôem ao avanço do controlo operário cujo objectivo essencial continua a ser, impedir a recu-peração das conquistas económicas pelo peração das conquistas económicas pelo peração das conquistas económicas pelo capital e contribuir para o lançamento das bases fundamentais de uma economia liberta da exploração do homem pelo homem, de uma economia planificada de acordo com as necessidades populares, de uma economia socialista.

SECTOR DAS VENDAS

Não é por acaso que o primeiro sector Não é por acaso que o primeiro sector que tratamos é o das vendas. Com o desenvolvimento do modo de produção capitalista o mercado tomou uma im-portância crescente. Se bem que a mais valia seja gerada na produção ela só se realiza desde que o produtos eja vendido. A acumulação de stoques que se verifi-ca em muitas empresas é mais um claro.

ca em muitas empresas é mais um claro indicador da importância que o mercado assume e que continuará a assumir en-quanto não houver uma planificação inte-gral da economia e a produção se orientar no sentido da satisfação das necessida



CLIENTES A empresa pode produzir para o mercado, ou por encomendas firmadas com antecedência ou ambos os casos simul-

taneamente. Em qualquer dos casos a empresa terá de dispor de uma lista dos clientes mais importantes e a comissão de controlo deve ter acesso a ela. Dessa forma os trabalhadores tomarão consciência do tipo de clientes que a empresa tem, se são intermediárdos ou se são consumidores, estabelecerão contactos com as Co-missões de Trabalhadores desseas em-

missões de Trabalhadores dessas em-presas clientes para discutir os problemas comuns. Em particular deverão ser aten-tamente seguidas as relações com os clientes estrangeiros. No caso de a empresa produzir por encomendas é importante que a Comis-são de Control tenha conhecimento das condições que constam nos contratos, nomeadamente quanto a nacamentos. condições que constam nos contratos, nomeadamente quanto a pagamentos, juros, muitas, qualidade, etc. No caso de devido as diferenças la chaise se devido as diferenças la chaise devido as diferenças la condições se poderão deteriorar com a passagem de tempo.

O nivel da carteira de encomendas é um indicador muito importante para prever a evolução da situação da empresa. até entre as próprias empresas do mesmo até entre as próprias empresas do mesmo

veri a revolução da sinuação da empresa, veri a revolução da sinuação da empresa sector, o de entre a mismo de sector para se entre a sector. As que procurar saber qualo nível médio e, no caso do nível se encontrar abaixo da média da empresa, pressionar para que os responsáveis procedam a prospecções do mercado para arranjar novas encomendas. Por outro lado, é preciso combater a sabotagem económica que se pode verificar, através de atraxos possiveis de evitar e que poder possiveis de evitar e que poder possiveis de evitar e que poder a desenvolvente de multas: há pois, que controlar a execução das encomendas e o cumprimento dos prazos de entrega. Devido à recessão económicia interna e internacional é preciso desenvolver esforsos no sentido de encontar novos mer-

rços no sentido de encontrar novos mei cados em especial, caso a empresa possa produzir para o mercado externo. desenvolver os contactos com os merca-dos socialistas e de países em vias de desnvolvimento.

PREÇOS

Esta parte está intimamente relacio-nada com o controlo da produção (ver capítulo seguinte). No entanto, há alguns

aspectos para os quais convém estar atento. Deve verificar-se se os preços praticados pela empresa são iguais para todos os clientes. No caso de haver preços diferentes é necessário averiguar os motivos e ver se eles se justificam

Para controlar a sua facturação, uma forma de desviar capital da empresa, pode-se recorrer ao controlo directo que evite as falsificações das facturas e também através da comparação com os preços praticados por empresas semel-hantes.

É preciso evitar neste sector todos os atrasos na feitura de documentos que se venham a reflectir em atrasos de paga mento dos clientes

STOQUES

Os stoques de produtos acabados de-vem sempre manter-se a níveis superio-res ao que for considerado mínimo, e que varia de empresa para empresa.

A manutenção de sotques a níveis superiores à média que também é preciso determinar, é um indicador importante de dificuldades que a empresa está a atra vessar. Esta dificuldade pode e deve se superada através de esforços para au-mentar o mercado interno e externo.

Os stoques de produtos acabados de-vem ser regularmenté verificados, no-meadamente para ver se o seu nível corresponde com os dados da produção e das vendas, para ver se o seu nível corresponde ao contabilizado, para ver se o seu valor real está correctamente ava-liado (com grandes periodos de stocagem ovalor rése resolutes pode deteriores cas o valor dos produtos pode deteriorar-se e não se reflectir nos valores contabilizados e portanto os trabalhadores estarem eng anados sobre a real situação das empre

DESPERDÍCIOS DE SUCATA

Muitas empresas têm um grande de-sperdício, em géral vendido a intermedi-ários a preços baixos. É preciso ver se há possibilidade de os aproveitar (o que está possibilidade de os aprovenar (o que esta ligado com a produção) ou melhorar as suas condições de venda. Convem também controlar a quantidade de de-sperdícios e verificar se corresponde aos níveis dados pela produção e facturação.

QUALIDADE

Apesar de intimamente relacionado Apesar de intimamente relacionado com a produção, ha produtos que se podem deteriorar senão estiverem conve-nientemente armazenados, o que poderá influir no nivel de devoluções e de recei-tas. Por isso, neste tipo de casos, o sector das vendas tem de dedicar especial atenção às condições de manutenção dos produtos, acabados. produtos acabados

SECTOR DA PRODUÇÃO

Um dos maiores problemas que se põem neste sector é haver um grande número de empresas que estão a trabalhar abaixo da sua capacidade. Se bem que em muitos casos isso se deva à distorção da estrutura da economia, he dada do fascismo, é possível e necessário que a nível de cada empresa os trabalha-dores melhorem o grau de utilização da capacidade produtiva na empresa.

empresa.

O primeiro passo para essa melhoria é conhecer a capacidade produtiva da empresa. As formas de medir a capacidade

presa. As formas de medir a capacidade variam de sector para sector pera tector e até de produto para produto.

No caso de não estarem a ser utilizadas todas as possibilidades que a empresa tem, é necessário verificar quais são as causas. Estas podem ser:

— falta de mercados para colocar os produtes:

insuficiências de produtos necess ários à laboração, tais como matérias-pri-mas, produtos intermédios, etc.;

mas, produtos intermedios, etc.;
— tempos mortos na produção, devido a deficiente programação de trabalho ou à existência de máquinas obsoletas ou mal conservadas;
— avarias constantes nos equipa-

mentos:

demissão na prática das chefias;

— demissão na prática das cheflais;
— aumento de absentismo por parte
de camaradas menos esclarectos;
— falta de segurarça no trobalho.
de lidiga de segurarça no trobalho.
de lidiga de la companio de lidiga de la companio de luminosidade, de ar, etc.;
Detectar as causas e necessário, para
poder combatê-las. Nalgumas empresas
conseguir-se-à através de pequenos investimentos que melhorem as condições
de trabalho, de segurarça e de higiene,
através de uma melhor pala de deplado
através de uma melhor pala de deplado
soboletas, aumenta a producião, diminumento parte de de de la companio del la companio de la compan obsoletas; aumentar a produção, diminu-indo ao mesmo tempo os esforços físicos exigidos. Noutras, desde que haja merca-do assegurado para, a sua produção

poderá instaurar-se o trabalho por turnos criando-se novos postos de trabalho, o que permitirá atenuar o problema do

que permitira atenuar o problema do desemprego.

Noutras, será necessário a completa reconversão da produção, pois esta não corresponde às necessidades da nova sociedade que os trabalhadores querem

considade que os trabalhadores querem construir. É importante ter presente que as modificações a levar a cabo, principalmente a reconversão da empresa, têm de ter presente os grandes problemas económicos heritados do fascismo. Assim é de que eram importados, pela contribução que até se pode dar para diminuição que até proportados, pela contribução que até pode de para diminuição que até pode de contrator de consesta dependência neste campo; as cossa dependência neste campo; as cossa dependência neste campo; as comportante de consessa dependência neste campo; as comportante trabalhadores en vez de empregar mais trabalhadores en vez de verificar as o nivel de desperdicio de verificar, se o nivel de desperdicio serviras ou al subrodulos é elevações.

produção são:

Verificar,se o nivel de desperdicios, sobras ou subprodútos é elevado. No caso de isso acontecer pode ser dividido a má programação do trabalho, que é preciso modificar. No caso de serem inevitaveis esses desperdicios é preciso estudar as formas do ca proveitar melhor. Multas vezes uma pequena volor desses produtos e a produce a velor desses produtos e a produtor de produtos da empresa.

— Tentar diminuir os qastos com a

Tentar diminuir os gastos com a gia, normalmente elevados em quase todas as empresas, que é um sector em que somos muito dependentes

do exterior.

— Manter as ferramentas, dispositivos e calibres em boas condições de rápido acesso. A qualidade das ferramentas tem uma grande importância no nivel de produção. No entanto há que incentivar o seu fabrico interno, no País e até na empresa,

fabrico interno, no País e até na empresa, no caso de elas serem importadas. Lutar para que o equipamento aderpara ela empresa seja adeptado sa necessidades de produção, condição essencial pela baixar os custos. A manutenção do equi-pamento pode ser feita pela própria em-presa ou por uma empresa contratada para esse fiim. Neste caso ha que contro-tar às condições dos contratos e verificar lar as condições dos contratos e verificar.

lar as condições dos contratos e verificar-se os serviços prestados correspondem às necessidades do equipamento. de exploração esta de esta de esta de esta de esta de esta de esta ser uma preocupação constante. O patro-nato costuma acusar os aumentos sala-riais de serem o principal factor para o aumento dos custos de produção, para assim justificar cortes nos salás de pro-dução, para esta de esta de esta de esta de esta de de esta de esta

dução devem-se a factores como a subida de preços das matérias-primas e à má
organização de produção e à péssima
planificação dos investimentos. Estes
dois útilimos, da exclusiva responsabilidade do patronato.

Ao mesmo tempo que se tenta orientar
a economis para a pór ao serviço do Povo,
a nível de empresa, é necessário e
possível consequir diminuir muitos dos

ninuir muitos dos possível conseguir diminui actuais custos de produção

SECTOR DAS COMPRAS

A empresa necessita, para a sua labo-ração, de comprar matérias-primas e produtos intermédios além dos equipa-

mentos.
Tal como os trabalhadores devem con-Tal como os trabalhadores devem con-necer as listas dos clientes, também é necessário que haja uma lista de fornece-dores habituais. No caso destes fornece-dores habituais. No caso destes fornece-volver esforços para substitui-los por nacionais ou, se isto for impossível, pro-curar outros mercados e não permitir o biolote como tem acortecido. A listagem de fornecedores permite detectar alterações nestes ou nas suas condições de venda e no caso de isso ter-porque.

As condições de fornecimento não se limitam aos preços e qualidade, se bem

que este aspecto seja importante. Englo-bam prazos, créditos, devoluções, que, normalmente vêm expressas nas chama-das «condições gerais» que devem ser também analisadas

usa s'un qu'es gérais que devem ser usa conserva de l'accorders ancionais é importante distinguir os fipos de empre-sas, se são nacionalizadas, cooperativas, controladas pelos trabalhadores, com in-tervenção estatal, etc., e tentar sempre que possivel aplicar critérios que favor-eçam a empresa que não esteja na posse do capital privado. No caso dos fomeco-cores serem unitranacionais instaladas em Portugal. ha que formar cutras empresa substituir. o que traz vanlagens para proteção da produção nacional. Cuanto ao problem da sobrefactu-ração dos fomecimentos, uma das formas más utilizadas para desviar más-valia más utilizadas para desviar más-valia

mais utilizadas para desviar mais-valia das empresas, se houver dificuldades em verificar os preços, estes podem ser comparados com os praticados na mesma altura por outras empresas do sector e impedir a sua continuação.

PRODUTOS E STOCKS

O nível de stocks de produtos nec O nivel de stocks de produtos necess-ários à laboração normal varia de empre-sa para empresa. A gestão de stocks pode ser lefta através de prazos cortos com quantidades variáveis, ou de prazos variáveis com quantidades certas. Em qualquer dos casos há que ter em atenção se as notas de encomendas continuam a ser emitidas em condições que garantam a continuação normal de produção ser emitidas em condições que garantam a continuação normal da produção. Quanto à quantidade é preciso avaliar sempre as vantagens das compras em maiores quantidades, tendo presente que o nível de aprovisionamentos não deve ser exageradamente superior ao normal, forma de imobilizar quantidades excessi-vas de capital e de provocar a falta de produtos no mercado. produtos no mercado.

A empresa pode comprar consoante a

sua necessidade a cada momento ou então comprar por contratos estabeleci-

dos para prazos de tempo maiores. No caso de esses contratos se celebra:

No caso de esses contratos se celebra-em començas estrangeiras, a comis-são deve ser totalmente informada das clausulas dos fornecimentos, nomeada-mente os prazos, devoluções, qualidos, nomeada-mente os prazos, devoluções, qualidos pagamen-tos (quando a moeda não é o escudo po-posibilidades de estar a ser escohida outra moeda que va custar mais caro que que na altura em que o contrato fol feito).

IMOBILIZADO (máquinas, equipamentos, edifícios, terrenos)

A conferência das máquinas e equipa-

A conferência das miquinas e equipamentos exidentes na empresa deve ser fela urgentemente de forma a evitar a sua acida da empresa. Da mesma forma as transações com imobilizados devem ser controladas porque ha possibilidades de serem uma forma de desirvestimento da sua actividade futura.

As instalações ou os equipamentos podem pertencer à empresa ou então serem alugados. Neste caso deve verificar-se à quem pertencem, e se isso tempera de la companio d na empresa e o motivo porque não estão a ser cumpridos.

PESSOAL

Muitos patrões utilizam o processo de remunerações fraudulentas ou ficticias de

ajudas de custo para desviar para si ou para seus familiares dinheiro de empresa, aproveltando ao mesmo tempo fugir a impostos. Esta situação tem de terminar, o que já acontoce uem multas empresas depois da instauração do controlo oper-anio. Neste sector deve evitar-se o uso do segundo. A compara emitidade patronal con-trologica de la controla de la controla de la controlar os pagamentos à Previdência cujos atrazos montam em milhões de contos e são os trabalhadores os únicos contos e são os trabalhadores os únicos prejudicados.

Em particular, há que desenvolver inte Em particular, há que desenvolver inte-gralmente o controlo e a luta por melhores condições de higiene, segurança e trabal-ho. O campo social é dos mais abandona-dos no nosso país, devido à política do fascismo e essa situação tem de ser radicalmente alterada. Obrigar o patrona-to a cumprir essas condições de trabalho é uma das tarefas mais importantes das sestruturas renesentativas dos trabalhos estruturas renesentativas dos trabalhos estruturas representativas dos trabalha dores a nivel de empresa

SECTOR FINANCEIRO

É necessário que os serviços financei E necessário que os serviços financeiros da empresa façam extratos financeiros periódicos, com análises e comentarios de forma a que os trabalhadores
possam acompanhar a evolução da situação financeira. Se a empresa recebe
grandes quantidades em notas deve
pór-se a questão de porque não recebe
em cheque, cujo uso é de intestificar cada
vez mais inclusivamente no paramento. em cheque, cujo uso é de intestificar cada vez mais, inclusivamente no pagamento de salários, pelos beneficios que traz para o conjunto da economía nacional. Isso permitirá que a análise dos extractos de contas enviados pelos bancos e sua conferência com os registos contabilisti-cos correspondentes de uma imagem mais próxima da realidade.

Há que verificar se os créditos conside-ados incobráveis o são de facto, tentar saber qual é a razão, quem é o devedor e os bens que possui e se for uma empresa. ontactar com a comissão de trabalha

dores.

Da mesma forma esses contactos devem ser feitos no caso de reformas ou atrásos no pagamento de letras entre

empresas.
Relacionado com o sector das vendas Relacionado com o sector das vendas há que comparar as notas de remessa dos fornecedores (assinadas pelo trabal-hador que recebe o sprodutos), com as respectivas facturas e com os pagamen-tos feitos pela empresa. Quanto às relações entre a empresa e a banca, além da verificação do movimento das contas hancárias atrês apontado, se

bañca, além da verificação do movimento das contas bancárias atriás apontado, os trabalhadores têm de verificar todos os empréstimos, analisar os eu destino, controlar a sua aplicação. Quanto às condições dos empréstimos deve verificar-se se as taxas de juro são as usuais, se os es taxas de juro são as usuais, se os esta de condições estás de acordo com as lia os exercises de medios estás de acordo com as lia os exercises de presenta a consectiva de presenta a composição de presenta de condições de presenta a composição de presenta de consection de presenta de consectivo de consect um edifício, o prazo não pode ser pequeno; mas se o empréstimo é devido a uma no, mas se o empresumo e devido a uma falta de tesouraria passageira e se destina a pagar salários o prazo já pode ser de três ou quatro meses), verificar as cláusulas dos contratos de empréstimos, nomeadamente se se tratar de empréstimos

utro dos aspectos para os quais os trabalhadores devem estar alertados é a verificação da existência de dívidas dos patrões à empresa que devem ser elimi-nadas e se a empresa procede à distribu-ição de dividendos que fazem falta para investir na empresa

SECTOR DA CONTABILIDADE

No sector de contabilidade reflectem-se muitos dos aspectos focados nos pontos anteriores. Apesar das dificulda-des que a prática tem demonstrado existi-rem para controlar este sector, a sua importância obriga a um reforço de actuação nomeadamente integrando na co-missão de controlo trabalhadores deste

A necessidade de manter a contabilida A necessidade de manter a contabilida-de em día, de a desburcoratizar o mais possível, de a tomar um fiel espelho da vida da empresa, são objectivos para os quais têm de ser ganhos todos os trabal-hadores, em particular os deste sector. Facilitará o control se a contabilidade apresentar no fim de cada mês, ou trime-stre uma apreciação sobre a situação da stre, uma apreciação sobre a situação da empresa que permita um conhecimento mais aprofundado a todos os trabalha-

dores.
Relacionado com o sector das vendas há que verificar se os produtos saídos da empresa condizem com as notas de remessa, e se estas condizem com as facturas (feitas depois pelo seriço de facturação ou pela contabilidade) e com as receitas resultantes do pagamento respectivo.

respectivo.

Também deve ser exigida a lista Também deve ser exigida a lista mensal dos clientes com pagamentos em atraso para, conjuntamente com as C.T. dessas empresas se verificar a forma de resolução e combater as causas. Estes contactos com as Comissões de Trabalhadores de clientes, bem como de formecedores devem ser regularmente feitos para comparar e controlar os respectivos prácticos e Adhicios. créditos e débitos

A contabilidade tem de corresponder à

créditos e débitos.

A contabilidade tem de corresponder à realidade Para isso tobbo sos movimentos realidade. Para isso tobbo sos movimentos ser correctamente lançados, todo cimobilizado (equipamentos, edificios, etc.) de-wem ser amortizados anualmente, de acordo com as tabelas legais.

Os trabalhadores deste sector têm de se esforçar por evitar tobbo sos atrazos na celebración de la companyo del companyo del companyo de la companyo de la companyo de la companyo del companyo d



ALUTA

PELO REFORÇO DA ORGANIZAÇÃO **E UNIDADE SINDICAL**

No processo revolucionário da sociedade portuguesa os sindicatos, como importante movimento organizado das massas trabalhadoras, têm desempenhado um papel fundamental na melhoria geral das condições de vida e de trabalho dos explorados e na aplicação de uma política ao serviço dos interesses de amplas massas populares, contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa.

Com o 25 de Abril, e uma vez ultrapassada a fase da conquista sindicatos com direcções fantoches, abriram-se amplas perspectivas ao movimento sinque, igualmente, deparou com inúmeros problemas na re-solução das tarefas decorrentes da situação existente.

As deficientes condições de vida da grande maioria dos trabalhadores, herdadas do fascismo, determinaram um aumento reivindicações imediatas, mobilizando todas as organizações sindicais de trabalhadores, o que prejudicou as tarefas de organização no local de trabalho. Este atraso nas tarefas de organização favoreceu, não poucas vezes, o oportunismo e gerou uma certa confusão, aproveitada e explorada contra a organização sindical.

ampla movimentação de massas que se viveu no país nos primeiros meses da Revolução, facilitada por toda uma tradição de luta dos trabalhadores nas empresas através das Comissões de Unidade, esbarrou, a nível do movimento sindical, com a estrutura deixada pela máquina corporativa. deliberadamente criada para fomentar a divisão dos trabalhadores nas empresas. Se alguns sindicatos estavam preparados para responder às múltiplas solicitações que lhes eram feitas pelos trabalhadores em luta, a maior parte, por incapacidade da sua estrutura interna e, por vezes, devido à inexperiência dos seus dirigentes, não soube acompanhar de maneira eficaz as lutas reivindicativas dos trabalhadores, o que os levou a recorrerem insistentemente à Intersindical, sobrecarregando o Secretariado com tarefas que,

pelo seu carácter, o impossibilitaram de lançar mão à organização e reestruturação do movimento sindical.

No entanto, apesar destes aspectos, a grande experiência colhida nos contactos directos com os trabalhadores e a multipli-cidade das condições concretas em que as lutas dos trabalhadores se desenvolviam nas empre-sas, proporcionaram uma experiência muito positiva ao movimento sindical e grandes vitórias fo-ram alcançadas, nomeadamente melhoria das condições de vida e de trabalho e na implantação da Intersindical Nacional junto das massas trabalhadoras.

A intervenção directa da Intersindical no combate à sabotagem económica, no combate aos despedimentos, na luta por melhores condições de vida e de trabalho e organização dos traba-Ihadores nas empresas, granjeou-lhe grande prestígio junto dos trabalhadores. Daí a pronta resposta dada pelas massas trabalhadoras ao apelo da Inter-sindical Nacional quando do ataque reaccionário de 28 de Setembro.

Também esse prestígio e a necessidade que os trabalha-dores não sindicalizados sentiam em organizar-se sindicalmente levou-os a procurarem o Secretariado, que interveio na criação de novos sindicatos.

Esta acção que, no essencial, teremos que considerar como uma acção de massas em que se realizaram centenas de reuniões na sede da Intersindical, nas empresas, em localidades e nos sindicatos, constitui a base desenvolvida em defesa da unidade sindical

Deste modo, durante a discussão pelos trabalhadores da Lei das Associações Sindicais, consequiu-se superar grandea campanha divisionista lançada pelas forças reaccio-nárias e conservadoras contra a unidade sindical.

Todo este trabalho culminou com a grandiosa manifestação de 14 de Janeiro que resultou numa das maiores vitórias do movimento operário português

A vitória conseguida com o 11



lução, a nacionalização da bança e dos seguros, a nacionalização das maiores empresas de transportes e de algumas indústriasbase, que se devem, uma vez, mais à participação das massas trabalhadoras organizadas, vieram intensificar os ataques da contra-revolução contra o processo revolucionário e contra as forças que, com mais empenhamento, por ele combatem, no-meadamente a Intersindical Nacional. Também a institucionalização da Intersindical e a publicação da Lei das Associações Sindicais, que deu ao movimento sindical uma nova dinâmica, levou ao reagrupamento das forças conservadoras reaccionárias que se opunham ao avanço do processo revolucionário e à consolidação do Movimento Sindical Unitário.

É neste contexto que as tarefas da Lei Sindical impuseram uma mobilização geral de todas as estruturas do movimento que se refere aos aspectos da aprovação de estatutos e eleições sindicais, uma vez mais em detrimento das questões organiza-

De uma forma geral podemos afirmar que o movimento não correspondeu em organização ao muito que cresceu em implantação e prestígio junto das massas trabalhadoras, apesar de terem sido dado passos importantes, de que é justo salientar, a criação de Uniões locais, e a organização de trabalhadores sindicalizados,

fundamentalmente nos sectores da agricultura, pesca e função pública, e a fusão de alguns sindicatos na perspectiva da sua verticalização

Com a realização do Con-gresso dos Sindicatos, cujos ob-

iectivos fundamentais eram a estabilização dos órgãos directivos da Intersindical Nacional, o encontrar um programa de acção para o Movimento sindical e o reforço da sua unidade, com a eleição, por conseguinte, do novo Secretariado, possibilitando, as sim, o alargamento dos quadros dirigentes da Central Sindical, íoi possível passar a dedicar às questões organizativas atenção prioritária que o movimento sindical terá que lhes prestar, criando-se na Intersindical um departamento especifica-

São todos estes condicionalismos que não devemos perder de vista ao analisar os aspectos organizativos do Movimento sindical, e é com base neles que nos lançamos a formas de organização superiores.

voltado para este pro-

Uma das primeiras tarefas do Departamento de Organização da Intersindical foi efectuar uma visita a todas as Uniões Distritais do país, no sentido de ser feito um levantamento exaustivo de todas as questões organizativas e, ao, mesmo tempo discutir as formas de levar à prática uma vida sindical mais dinâmica, tendo em conta as condições concretas de cada estrutura do movimento.

A visita pode considerar-se ex tremamente positiva, pelos ensinamentos e esclarecimentos que se obtiveram e pelos problemas abordados, e que dizem directamente respeito às massas traba-

Foi-nos dado constatar que através de uma acção directa e constante do movimento sindical junto das massas trabalhadoras por parte dos delegados e dirigentes sindicais, será possivel

influir positivamente nas condições políticas existentes em várias zonas do país, mesmo naquelas onde as dificuldades se apresentam maiores

Pensamos que estão criadas as condições mínimas para avançar uma maior implantação do movimento sindical unitário no seio das masssas trabalhadoras, nomeadamente através do desenvolvimento das Uniões Locais em todo o país. Este órgão intermédio do movimento tem-se revelado como uma das formas organizativas mais dinâmicas e com maior capacidade de mobilização de toda a estrutura, coordenando e conduzindo as lutas dos trabalhadores a nível da lo-calidade e intervindo activamente na resolução dos problemas locais, estabelecendo assim uma estreita ligação com o movimento popular e podendo mesmo vir a ser, nalgumas regiões do país, o seu motor

É de salientar ainda o bom funcionamento de algumas das Uniões Distritais, a sua grande capacidade de organização e mobilização de massas, e a existência de dirigentes sindicais que, conhecedores da vontade e das necessidades dos trabalhaque representam desenvolvendo uma prática sindical de massas, são uma garantia das grandes possibilidades de implantação da Intersindical a nível nacional. Esta estrutura terá um papel fundamental a desempenhar no que se refere à planificação económica a nível regional, ao controle operário e da previdência, intervindo, ainda, a nível do distrito, na resolução dos problemas das populações da sua área. É certo que se detectaram debilidades na organização das uniões distritais devidas, em grande parte, às dificuldades

económicas com que o movimento se debate o que impossibalita a deslocação de quadros exclusivamente dedicados a estas questões. Tais debilidades terão que ser ulrapassadas a curto prazo através de intensas campanhas de esclarecimento junto das massas e dos dirigentes sindicais, vencendo definitivamente as incompreensões que ainda se verificam.

Assim, ressaltando a importância das Uniões (distritais e locais), reforçando a sua organização e ultrapassando as deficiências detectadas, abra-se ao movimento sindical um vasto campo de acção, de que salientamos os seguintes aspectos organizativos:

O desenvolvimento das tarefas organizativas dos trabalhadores nas empresas, nas fábricas, nos campos, criando Comissões Sindicais onde não existam e desenvolvendo a cooperação com as Comissões de Trabalhadores. Neste campo, há que combater os vestígios de sectarismo e as incompreensões quanto a estas duas formas orga-nizativas. Formas complementares e não paralelas, compete às comissões sindicais desenvolver tarefas de esclarecimento e organização sindical nas empresas nas localidades, ter em conta os aspectos reivindicativos económicos e sociais, participar no controle da previdência, segu-rança social e saúde, higiene e segurança no trabalho, etc., bem como procurar formas que levem à participação activa da mulher e dos jovens trabalhadores na vida sindical, fazendo criar junto das uniões locais e distritais departamentos exclusivamente virados para estes problemas. Por seu lado, as comissões de trabalhadores deverão ser organismos dos trabalhadores nas empresas, virados para um trabalho profun-damente político, tendo como tarefas-base o controle operário, a participação nas organizações do poder popular, outras questões sociais nas empresas, como creches, infantários, refeitórios, etc., assim como dar apoio à estrutura sindical e participar no

controle da previdência, segurança social e saúde.

— O desenvolvimento do controle operário a nivel de toda a sestrutura sindical assentando nas empresas, nas comissões de trabalhadores, o controle operário deverá ser coordenado a nivel de ramo de actividade pelas Federações (verticalizadas) e a nivel distrital e local pelas várias Uniões.

— O desenvolvimento do controle da previdência, a nível de empresa pelas comissões sidicais e de trabalhadores, que criarão grupos específicos de trabalho para este fim, fazendo a ligação às uniões e comissões administrativas, com vista à transformação da previdência no



seguro social, gerido pelos trabalhadores.

— A criação de brigadas de apoio e dinamização à vida sindical, que levem a todos os sindicatos, uniões e federações as questões que se levantam, para um maior esclarecimento e organização dos trabalhadores, segundo programas devidamente estabelecidos e apropriados a cada zona do país.

— O desenvolvimento de amplas campanhas de informação através do ALAVANCA (jornal e rádio) e por outras formas, de maneira a tocar os dirigentes e delegados sindicais, a fim de melhor levar a cabo estas e outras tarefas que se colocam ao movimento sindical, ed emaneira a tocar particularmente as populações das zonas do país onde caciquismo e a influência perniciosa da Igreja mais se fazem sentir.

 A reestruturação do movi-mento sindical, tarefa das mais nportantes, tem merecido particular atenção do departamento que destacou um grupo de trabalhadores para elaborar um pro-jecto de reorganização. Trata-se de um documento-guia cuja forma definitiva resultará de uma ampla discussão pelas federações, uniões, sindicatos e secre tariados das comissões de tra-balhadores. A reorganização do movimento sindical constituirá ta-refas a completar de modo eficaz em período de tempo relativamente longo. Daí que o esquema a apresentar não venha a propor um modelo perfeito e acabado de organização, sendo elaborado de modo a possibilitar a sua concretização prática sem prejuízo de uma nova e futura reestruturação. Será apenas a primeira fase, que aponta para situações a em prazo não muito adquirir

Herdou-se do fascismo um conjunto de sindicatos que em muito contribuiram (e simultaneamente eram consequência) para a política de divisão dos trabalhadores. Em número supe-

rior às três centenas, essa herança caracterizava-se por sindicatos profissionais na sua quase totalidade, por sindicatos de ramo e de alguns sectores económicos, cujos âmbitos eram desem qualquer preocupação de carácter económico e muito menos para a defesa dos trabalhadores. Daí surgiu a existência de vários sindicatos numa empresa e de trabalhadores em actividades perfeitamente distintas no mesmo sindicato, o que enfraquecia, e ainda enfraquece, a unidade das massas trabalhadores nas empresas e nos sindi-

Não obstante algums passos importantes que já foram dados, as massas trabalhadoras têm vindo a sentir a necessidade prenente de se levar a efeito toda uma vasta reestruturação do movimento sindical, o que passa pela criação de novos sindicatos em sectores ou zonas onde ainda não existam, pela correcção das

situações incorrectas herdadas e pelo estorço de verticalização dos sindicatos existentes ou a criar. O estorço de verticalização, porém, é forços o acentuá-lo, não poderá ser desencadeado de forma a promover-se a verticalização, Tomases necessário que essa tarefa corresponda à criação de uma organização mais adaptada para responder aos interesses dos trabalhadores, à melhoria das suas condicões de vida e de trabalho.

As tarefas que neste domínio se toma necessário levar à prática vão exigir, portanto, de todos os trabalhadores, uma análise muito atenta das situações concretas existentes, dos seus efeitos e dos beneficios que para a sua luta advirão por esta ou aquela verticalização.

O processo de verticalização, entendido com a constituição de sindicatos por sectores de actividade económica, que integran todos os trabalhadores desses sectores, quaisquier que sejam as suas funções, deverá, assim ser conduzido atendendo a uma multuplicidade de factores, dos quais se destacam os seguintes aspectos sócio-económicos:

- A organização sindical existente e respectivas características, visando a sua melhoria e o reforço do seu poder e autonomia, de modo a constituir um motor cada vez mais activo e influente do processo revolucionário.
- A melhoria das condições de vida e de trabalho das classes exploradas.
- A unidade dos trabalhadores, em geral, nas empresas e nos sindicatos.

- s incorrectas herdadas e loroço de verticalização dos trabalhadores na anácistore de verticalização, toroços acentuá-lo, não ser desencadeado de promover-se a verticali-
 - O aperfeiçoamento das estruturas sindicais, reforçando-as como factor activo do progresso social e da paz, alargando actividades educacionais e culturais e garantindo a participação e controle dos trabalhadores na planificação e gestão das actidades económicas
 - As características actuais da estrutura e funcionamento da economia e dos seus diferentes sectores, bem como a sua evolução desejável e previsível.
 - O maior ou menor grau de semelhanças das caracteristicas do trabalho e dos processos tecnológicos nas diferentes actividades e nas relações económicas entre os diversos sectores.

Uma vez definido o documenno-guia para a verticalização dos sindicatos, dever-se-á seguiração económico-social dos sectores abrangidos pelos diferentes sindicatos e federações para, assim, ser possível traçar orientações seguras para as tarefas a levar à prática pelos trabalhadores, sindicatos, federações e uniões, como, por exemplo, no controle operário.

Para levar a cabo estas e as demais tarefas que se colocam ao movimento sindical é forcoso dinamizar e ganhar para elas as massas trabalhadoras, o que implica, antes do mais, a discussão destas questões a nível dos dirigentes sindicais, o que implica ainda uma grande disponibilidade de quadros. A necessidade da formação de quadros é, pois, mais uma das tarefas imediatas. Outra, e não menos importante, será ganhar os trabalhadores, através dos sindicatos, para a compreensão de que o movimento sindical é pago pelos trabalha-dores, que terão de dotar a sua organização unitária dos fundos suficientes para assegurar o funcionamento de toda a estrutura. A débil situação financeira da Intersindical, que o orçamento apresentado ao Plenário reflecte, é um dos grandes problemas para a organização de massas dos trabalhadores. É, assim, uma das grandes tarefas que se colocam de imediato a todo o movimento que saberá uma vez mais levá-la



Pelo reforço da unidade, o reforço da organização.

Unidos e organizados, vence-

SALVAR O CAPITALISMO À CUSTA DE QUEM?

Em todos os países, a classe operária, os trabalhadores, de maneira geral, situam-se politicamente à esquerda. Mesmo que não sejam militantes políticos, os explorados e ofendidos, são da imensa família da esquerda.

imensa família da esquerda. A Revolução de 25 de Abril de 1974, tem sido dito e repetido em todos os tons por quantos têm estado à cabeça do aparelho militar e do aparelho político, foi feita para dar às classes mais desprotegidas (o povo trabalhador), vítimas das propotências dos capitalistas, monopolistas e imperialistas, uma vida livre, próspera, feliz, numa via para a sociedade socialista. Para uma sociedade onde não possam existir explorados e exploradores Uma sociedade política e socialmente de esquerda. É evidente, com a activa, assídua e fecunda participação dos operários. Dos camponeses. Dos mineiros. Dos pescadores. Dos empregados comerciais, bancários e administrativos Em suma com a colaboração activa dos elementos da grande família da esquerda, que são os trabalhadores.

Até aqui, parece que tudo corresponde à realidade. Aos acontecimentos verificados. E à realização de todos os outros que ainda não estão nos cornos do sonho, no ventre das promessas, nos referes do deseito.

nos refegos do desejo. Mas, em tempo de reflexão, como o presente, devemos re-

responsáveis actualmente no poder do mando e no mando do poder, saneamentos e exonerações à esquerda, de pessoas que provaram ser antifascistas e estarem de alma e coração como processo revolucionário do 25 de Abril?

Como se pode querer a adesão à urgente necessidade de reconstrução do País, por parte dos trabalhadores, por natureza pessoas de esquerda, quando se metem nas prisões militares revolucionários, às muitas dezenas, e em condições tais que até falvez possam fazer inveja às injuriosas e desumanas condições prisionais do antes do 25 de Abril?

— Como se pode deseiar que

os homens da esquerda, que logicamente são os trabalhado-res, possam corresponder eficientemente ao apelo dos responsáveis pelos destinos deste País, para que se trabalhe mais, se produza mais e melhor, quando esses mesmos trabalhadores constatam situações estranhas e desesperantes, como esta situação real de agora e daqui: deixam-se fugir os reaccionários, os ex-pides, os grossos responsáveis das torturas da era fascista, soltam-se altas figuras dos governos da ditadura salazarista-caetanista; põem-se em liberdade condicional, ou mesmo sem condições, os barqueiros e outras figuras dradas gradas outras figuras gradas contras figuras da contras figuras qua producios en contras figuras gradas contras figuras contras contras figuras contras contras contra

dade socialista; permitem-se e ignoram-se» encontros e reuniões de chefes e outros responsáveis elpistas em Braga e noutros lugares do território nacional, fa-zendo intervir, tarde e más horas, as forças militares, de tal maneira «operacional» que só encontram, dessas sinistras figuras, as sobras e os rastos; quando em suma, os resultados desse conjunto de circunstâncias só podem desencorajar os trabalhadores, os tais que, como se sabe, queiramos ou não, são parte integrante dessa mesma grande famí lia da esquerda, tão discutivelmente perseguida, tão injustamente saneada, tão ferozmente espezinhada nos seus mais elementares direitos à libertação, ao respeito e à sobrevivência?

Não! Assim, não! «Há qualquer coisa de podre, no reino da Dinamarca...» Porque, se se quiser honestamente, e com justiça, governar um País, qualquer que seja, os governantes têm de contar, em primeiro lugar, com aque les que produzem TODA A RI-QUEZA dum País: os trabalhadores, todos os que constituem a classe trabalhadora! Os trabalhadores, que são realmente parte real e integrante da grande famí lia da esquerda. E não é deixando em liberdade os reaccionários, os fascistas notórios com responsabilidades no atraso e na repres são do povo português, durante quase meio século, «negligenciando» a caça aos contra-revolucionários direitistas e violando domicílios de homens e de organizações da esquerda; perseguindo, saneando, exonerando e prendendo elementos antifascistas e provadamente revolucionários - da família da esquerda insistimos, a mesma a que os trabalhadores pertencem, afinal que se pode pretender, com força moral, da parte dos trabal-

hadores, o espírito de sacrifício, a

nos da esquerda; persegusaneando, exonerando e lendo elementos antifascicsprovadamente revolucionprisionamento de uma c

confiança nos dirigentes do País, mais e melhor produção dos bens de que a Nação carece, tão urgentemente, para a sua salvaguarda financeira e económica.

Há que reflectir. Há que analisar com inteligência e realismo, sem espírito de «révanche» e com grande espírito unitário, as possíveis consequências que podem advir para a nossa economia, para a vida social e política da Nação, a manutenção duma contraditória situação, com o emprisionamento de uma centena de militares revolucionários, homens comprovadamente da esquerda e que desde o 25 de Abril. que estão com a Revolução, e muitos deles de há muito tempo antes do 25 de Abril.

Há que corrigir posições, aparentemente julgadas justas. Há que modificar orientações. Há que rever decisões. São já muito numerosos, também, os casos de saneamentos à esquerda, de militares e de civis. Também de exonerações à esquerda, de prisses à esquerda Mas igualmente bastante visíveis, e estranhos os casos de libertações, formais, ou informais, de elementos destacados da direita. E, entre essas, afuga~ de vários responsáveis por crimes durante meio século de tortura fascista-salazarista-caetanista sobre o povo português.

tuguês. É caso para se dizer que «parece que cheira a podre, no Reino da Dinamarca...»



flectir. Como se quer que reajam os (nós) elementos da esquerda, os (nós) membros da classe explorada, os (nós) trabalhadores, que são os obreiros da riqueza de um país, quando eles se dão facilmente conta que os poderes públicos, civis e militares, prosse-quem, numa tremenda «ceifados homens da esquerda, militares e civis, dos lugares que até há ben pouco tempo serviam, para bem da Revolução e do Povo Portuguiés?

— Como se pode pretender a adesão, forte e fecunda, dos homens da esquerda, que são os trabalhadores, para a meritória obra da urgente reconstrução económica do País, quando lhes dão, como exemplo das boas e prometedoras palavras de «rumo à sociedade socialista», cancialista» candas por tantas figuras das mais

ligadas à banca e à alta finança de forma que possam ter as mãos livres para melhor poderem mexer os cordelinhos na conjura contra-revolucionária, económica, financeira, política e militar, utilizam-se repugnantes méto-dos fascistas-salazaristas de violação de domicílios, individuais e colectivos, com um enorme aparato bélico e repressivo, sobre pessoas e organizações da es-querda, sob protexto da busca de, por vezes imaginário, armamento; quando não há um procedimento idêntico em relação a organizações direitistas e reaccionárias que abertamente, alto e bom som, ameaçaram, ainda não há muitos meses, ter 50 000 ho-mens armados (caso do professor Emídio Guerreiro e outros, então, reponsáveis do PPD) para travarem a marcha da Revolução





O LIVRO DA SEMANA

4 PAÍSES LIBERTADOS PORTUGAL GUINÉ/BISSAU, **ANGOLA** MOÇAMBIQUE

Coordenação e textos de Paulo Madeira Rodrigues -

Na contracapa deste volume pode ler-se: «4 PAÍ-SES LIBERTADOS», a leitura de meio século de vida portu-guesa, a anatomia ilustrada do que foi a ditadura nacional, o Estado «novo», a guerra colo-nial, a evolução na continuidade, a morte de um Estado fascista...A vida dos regimes de Salazar e Caetano narrada em fotos extraídos dos arquivos oficiais que, em dezenas anos, guardaram uma forma de governar, viver e ser governado». Palavras que já em si esclarecem o leitor so-bre o conteúdo da obra e também das intenções que levaram o coordenador e autor dos textos, Paulo Madeira Rodrigues, a meter ombros a um trabalho cuja importância e interesse são indiscutíveis Muito do material fotográfico aqui incluído e que pertencia à secção de fotografia e cinema dos Serviços Cinematográfi-cos do Exército, foi depois struído no incêndio que em 22 de Junho de 1975 devastou essas instalações

Este livro vem recordar-nos uma vez mais o horror de uma época que não devemos es quecer nem permitir que se repita. Ao folhear o volume surgem-nos imagens por ve zes terríveis, por vezes sim-plesmente caricatas de monentos e factos de que todos fomos testemunhas mais ou menos impotentes. Imagens eloquentes de uma sociedade apodrecida. Páginas de uma história que não queremos que se repita. E tudo faremos para que assim seja

DIÁRIO, de Sebastião da Gama (5.ª edição) — Edições

Um diário que não se pode considerar totalmente íntimo visto que o autor admitiu a hipótese que outros o lessem o que o levou talvez a evitar certas «...coisas que terei pu dor / de contar seja a quen

Sebastião da Gama, profes sor e poeta que a morte arre-batou muito cedo, deixa nestas páginas as confissões e apontamentos que revelam a emotividade de um temperamento vivo e apaixonado. poesia está presente em tudo o que escreve, na sua forma de viver a vida e as pessoas «Andamos no mundo quase todos como se fôssemos des conhecidos uns dos outros quero Amor, quero a mesa aberta, quero a sinceridade e

cultura popular · cultura popular

UM TEXTO DE URBANO TAVARES RODRIGUES

Urbano Tavares Rodrigues nasceu em Lisboa, mas passou grande parte da infância e da adolescência no Alentejo, o que viria a marcar profundamente a sua obra. Escritor de excepcional sensibilidade, tem expressado através da ficção toda a angústia de uma geração inadaptada, que viveu sob o jugo implacável da repressão fascista.

Tarde de domingo na Beira Baixa. Céu pesado, vinho pelas tabernas e promessas de fartum O largo juncar-se-ia de cascas de tremoços. Uns concertavam a vida; outros salvavam a Deus, sacrificando, como é da praxe, o dia do Senhor. Vendiam-se por todo o lado frituras e melões, argolas, riscados e lenços amarelos. Os velhotes falavam das vinhas. E à medida que a tarde se descascava, fruto moreno mas insípido, afogavam-se naquele atordoamento os sonhos de toda a semana de quem fizera grande fé no domingo. Na loja do Marre-co os seminaristas jogavam às damas, sentados em caixotes. À porta afluíam curiosos: quando alguma rapariga escandalizada, zangava-se: ti-nham-na beliscado, sorrateiramente. Pela Rua Grande, muito calma, mal buliam as cortinas duma janela. Seriam as irmãs do padre, já de atalaia... Não tar-daria a desfilada dos pares, que se haviam de juntar na estrada, em número, para dançar de roda. O pinham estremeceria com a abalada dos gaios para o vale

Ninguém dera importância à notícia que os jornais resumiam em dez linhas confusas: um roubo de gado algures no Alente-E agora rebentava a nova na aldeia, a notícia próxima, violando até o recato das cortinas que abrigam do sol a Rua Grande. A Rua Grande é a rua aristocrática, onde habitam as três famílias principais da aldeia e as paroquianas mais «remediadas», que não precisam de sa-char as hortas. Muitas vivem à moda antiga, numa sombra me lada, filtrando licores e sussurrando orações, e apenas saem caminho da igreja, para a comunhão diária, ou com braçados de odorantes flores. Porém, até estas velhices piedosas e prematuras vibravam com a notícia escaldante. Os gatunos ronda-vam a aldeia. Eram malteses, muitos, toda uma caravana, transportando um ror de mulas e jumentos. Alguém os vira e, tendo ocasionalmente lido o jornal, relacionara, parecera-lha reconhecer o ferro do gado.

Mas o domingo foi diferente.

E a nova correra; já andava pela aldeia na boca da catraiada que gritava, em frenesim:

São eles, são eles... Os ladrões.

Dariam luta? E como poderiam resistir? Faziam-se previsões. A



inventiva da aldeia, fortemente estimulada, desentranhava-se hipóteses e conjecturas, entanto que o senhor regedor, muito grave e cheio de aprumo, subia para o seu cavalo, que o filho do sacristão, todo deferente, segurava à rédea. Como os guardas e os vogais da junta não bastassem talvez para dominar os malfeitores, acompanhavam--nos alguns voluntários atuchados, que se propunham «alisar o lombo aos safardanas». Foi um grande momento que a aldeia serenamente o regedor deu ordem de marcha e a comiti-va, seguida a olhos estendidos, afastou-se a trote curto pelas ruas de mato

Que os rachem de meio a meio - auspiciava o João Rola, trabalhador honrado e velho badaleiro, que pontuava na taberna do Quincas

A aldeia esperava, ansiosa

A caravana chegou. Traziam a súcia inteira: haviam-nos surpreendido, nenhum lograra escapar-se. Afinal eram só quatro dois homens já velhos, muito trigueiros, uma mulher esmalei-tada e um garoto cheio de surrascos. Todos ciganos.

 Moinantes, cambada, bigor-rilhas – dizia a senhora Rita Delfina, a «tesoirinha», que force iava por atingir a primeira fila de

A Rua Grande era estreita: não dava cómodo a toda a gente que queria apupar os truões

A mulher vinha a cavalo, es-malmada, com as guedelhas pendentes, o rosto verde de febre. Tinha sezões e o regedor concedera-lhe aquela regalia. Havia guem discordasse

- Vale bem a pena ter atenções com esta canalha!

Escuros, espantadiços, o olhai de bichos acuados, furtando-se à sanha do povo, que os ameaçaos ciganos desfilavam pela Rua Grande, a caminho do curral

Não havia cadeia naquela terra. Enquanto não seguissem para Mação, os presos ficariam no curral velho, um vasto chiqueiro abandonado, sempre estercoroso, por trás da igreja.

E a noite, espessa e morna, lentamente cobriu as formas toscas da aldeia. As vozes deixaram de soar. Depois levantou-se o vento, que trazia de pinhais di-

stantes um cheiro a queimadas. Acendeu-se uma estrela sobre o adro, acenando com aventuras Estariam à janela, como nos mais dias, rogando-lhe um gosto, as moças que se fiam na magia lendária das estrelas. No silêncio bíblico do sono fervilhavam os mistérios de sempre. E entretanto o solo do curral enchia-se de nódoas encarnadas, que pareciam flores no meio do estrume. Era de um nítido escarlate o sangue do cigano.

> (Excerto do conto Um Dominaci Diferente, do livro de contos e novelas A Porta dos Limites)

cinema. Só não vamos mais vezes porque os preços não são para brincadeiras. Sobretudo aos sábados e aos domingos. Pegamos, então, num jornal e olhamos para os títulos.

Já repararam nalguns des-ses títulos? Muitos deles prestam-se a várias interpretações. Resolvemos, por isso,

escrever uma pequena his-tória, tendo em conta esses mesmos títulos.

Aqui vai.

Até há bem pouco tempo a nossa Revolução não passou de «Um filme doce». Mas, muita boa gente, «Brincando com o fogo», julgou possível construir «Uma ilha no tecto do Mundo»

Vai daí, apareceu o «Homem da lei», o tal que diz: «o Governo governa».

diz como governa, com quem governa e para quem governa. Mas isso é outro filme.

O tal «Homem» resolveu, então, empreender «A vingança de Monte Cristo» e, num «Breve encontro» com o «Justiceiro da noite», disse: Se não queres ser o «Tarzoon, a ver-gonha da selva» deves desencadear uma série de «Escândalos na cidade». É claro, como os homens do «Justiceiro da noite» nada mais sabiam dizer do que «Sim. sim meu coronel», teve lugar «A golpada».

Resumindo e concluindo: neste momento vive-se uma espécie de «Núpcias de porcelana». Mas, não tenham dúvidas «Os gabarolas» que para aí andam: «Um dia de sol» há-de

TAREFAS IMEDIATAS

Perante a ofensiva generalizada das forças do capital, cabe ao Movimento Sindical a defesa das conquistas alcançadas e a luta contra as medidas anti-operárias que vêm sendo tomadas.

O papel da Intersindical Nacional terá de ser reforçado e a sua acção alargada e desenvolvida a camadas até agora com pouco peso no conjunto da acção sindical.

Impõe-se um amplo trabalho de esclarecimento e mobilização das mulheres e jovens trabalhadores de forma a integrá-los melhor nos objectivos e nas formas de luta.

Os trabalhadores do sector de serviço, muitos deles afastados dos seus irmãos de classe devido à política de divisão seguida pelo fascismo, e incentivada após o 25 de Abril pelas forças de direita, terão igualmente de ser ganhos para o Movimento Sindical Unitário.

PELA DEFESA DAS LIBERDADES SINDICAIS

A defesa da unidade do Movimento Sindicato tem sido e continua a ser um dos objectivos fundamentais da nossa luta.

Avançar na organização sindical é uma tarefa que deve ser mais cuidada, nomeadamente no que se refere à organização sindical nas empresas, local e distrita e na verticalização dos sindicatos.

Quanto melhor organizado se encontrar o Movimento Sindical e mais adequados forem as suas estruturas à dinâmica e nos objectivos de luta dos trabalhadores, com maior eficiência responderemos aos ataques da reacção, defenderemos as liberdades sindicais conquistadas e alargadas pela luta unitária dos trabalhadores, defenderemos todas as outras conquistas fundamentais do processo revolucionário.

CONTRA O CONGELAMENTO DA CONTRATAÇÃO COLECTIVA

— Levar a efeito amplas reuniões, nos locais de trabalho, nos bairros e nos Sindicatos sobre o seu significado e ligá-lo ao vertiginoso aumento do custo de vida (aumento de preços de bens essencials e aumento de impostos indirectos);

 Efectuar um imediato levantamento dos problemas essenciais dos trabalhadores a nível de sector, regional e nacional:

 Criação de um grupo de apoio à contratação colectiva na Intersindical Nacional;

Apoiar as lutas pela aplicação dos Contratos Colectivos que estavam a ser negociados ou em vias de negociação;

 Intensificar a informação dos Sindicatos à Intersindical sobre a contratação colectiva:

— Realização de reuniões conjuntas a nível nacional e das Uniões Distritais com os Sindicatos directamente afectadas por esta medida, para uma melhor coordenação da sua acção e luta;

CONTRA AS TENTATIVAS DE RECUPERAÇÃO DA PREVIDÊNCIA

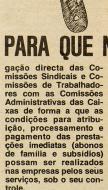
Levar a efeito reuniões nos locais de trabalho
e nos Sindicatos com os
trabalhadores para se
discutir amplamente os
problemas da Previdência;

 Defender intransigentemente a participação dos trabalhadores na gestão da Previdência;

 Promover o controle das quotizações da Previdência a partir da empresa;

— Planificação de uma proposta de reestruturação da Previdência para ser discutida mais amplamente num plenário da Intersindical Nacional;

- Que se estude a li-



PELA APLICAÇÃO DO CONTROLE OPERÁRIO

 Efectuar amplas reuniões nos Sindicatos e damentais di nos locais de trabalhos Operário em o para se discutir com os de actividade.

trabalhadores as formas de o levar à prática e sobre a sua importância.

Incentivar e desenvolver a organização dos trabalhadores a nível do controle operário nas empresas.

— Criar junto das Federações, Uniões Distritais e Intersindical grupos de a poio ao controle operário.

 Realizar cursos de controle operário coordenados pela Intersindical Nacional.

 Realizar encontros periódicos com as Comissões de controle por sector económico.

 Fazer um levantamento dos aspectos fundamentais do Controle Operário em cada sector de actividade.

PELA DEFESA DA REFORMA AGRÁRIA

Realizar amplas reuniões nos campos e nas fábricas para reforçar o esclarecimento sobre a Reforma Agrária e sua importância.

 Reforçar a aliança com a classe operária e restantes trabalhadores.

 Reforçar a cooperação com os pequenos camponeses que ainda não estão integrados nas cooperativas e herdades colectivas a fim de os ajudar com máquinas sementes, jornadas de trabalho voluntário,

— Organizar sindicatos agrícolas onde se justifique a sua existência.

